

Esboços hercíticos

da

Faculdade de Direito de S. Paulo

em 1879

por

Mansel Alvaro de Souza da Vianna

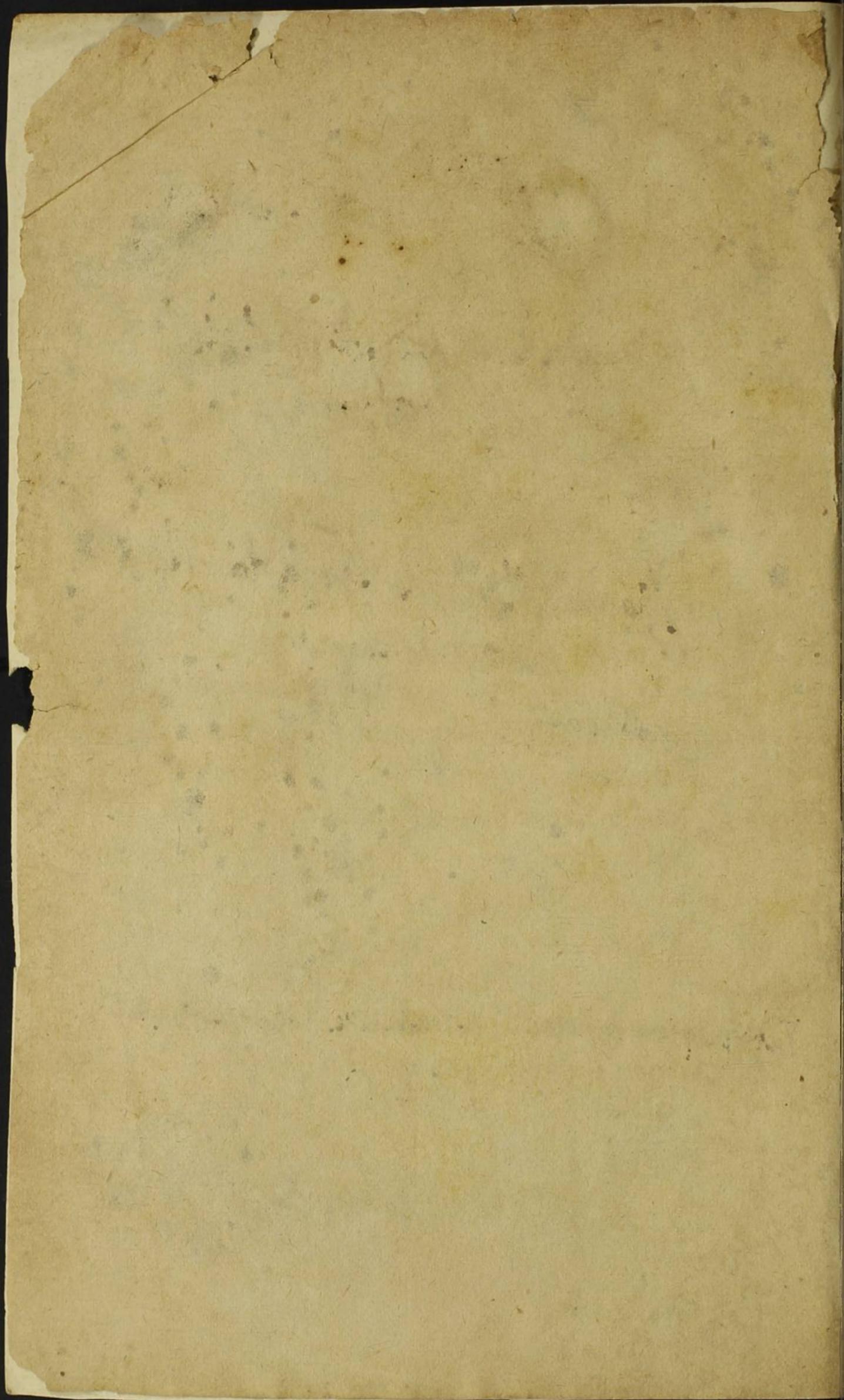
Natural do Maranhão e

estudante da mesma Faculdade

Rio de Janeiro

Typografia do Brasil Catholico, r. 7 de Setembro, 65

1880



DUAS PALAVRAS

S. Paulo foi, é e será sempre a terra que sabe conservar nomes gigantes que por ahí passam annualmente.

Não cremos nem mesmo por hypothese admittiremos que o desanimo lavre nas arcadas do velho convento.

Não podemos nem devemos crer.

Falla-se muito e, por desgraca nossa, mente-se muito mais.

E' falsa a vozeria que por fóra se apregôa em jornaes que morrem por desmoralizados (1) que a actual geração decáe, que não sabe guardar os nomes de Azevedo e Varella.

(1) O Reporter.

E' falsa.

O brado tambem parte do seio da Faculdade S. Paulo, mais isso nada prova.

E' o brado do charlatanismo que parte de um pequeno grupo que vive do calculo e sempre do vil calculo.

Si o talento por momentos parece adormecido, não falta-lhe por isso o vigor. E' o gigante que adquire idéas, renova conhecimentos e consulta as tendencias do seculo, para depois conquistar palmo a palmo o terreno que devia ter percorrido.

A mocidade academica de S. Paulo é sempre a mesma: grande em suas concepções, generosa em seu proceder, conscienciosa em

seus applausos e severa no reconhecimento do talento.

Para o moço que estuda, que trabalha, que sabe viver em fim ella bate palmas, assim como apedreja o mentiroso, o que unicamente tem titulos illegitimos e o que em vão pretende escurecer suas glorias.

* * *

Do seio da Faculdade de S. Paulo, diziamos, parte o brado de que o desanimo avança des- timidamente. E' o brado do charlatanismo, diziamos ainda. Expliquemos a proposição. O charlatanismo tudo invade, ainda mesmo as instituições mais importantes : na sciencia dá

o superficial ; na religião quasi sempre o livre pensador e outras vezes o hypocrita. A Faculdade de S. Paulo não podia ficar isempta.

O desejo de gloria sem merito pessoal, a mediocridade aspirando as honras da intelligencia, e d'ahi a origem do espirito vão que tudo eleva sem fundamento para reduzir com presteza á ruinas.

Os que pensam e fallam d'esse supposto desanimo dizem mas não provam, propalam e cobrem-se com as roupagens de desconhecido.

Por fóra acceita-se a proposição, mas não examina-se: é a opinião inconsciente ; no seio da Faculdade é a opinião calculista.

Pouco nos importa o que corre pelas ruas.

o nosso mundo é pequeno : é a Faculdade que cursamos ; o nosso publico não é tamanho, como o que nos espera para o futuro, com tudo é bem severo.

No correr da penna não citaremos os nomes desses jogadores do merito alheio, mas hão de vel-os vestidos de arlequins ; os retalhos das roupas serão as palmas roubadas.

Hão de conhecel-os ainda por outra razão: são os litteratos *desalugados*, os moços sem crenças firmes, sem idéas certas, sem opiniões determinadas, fallando sem cessar de tudo e de todos.

Sem conhecel-os Notanio Felix, (que é o Sr. Barão de S. Felix), pintou-os natural-

mente á vista de muitos outros que, louvado Deus, enchem as ruas d'este grande Imperio, quando disse :

-
- « Não tendo opinião senão aquella
 - « Do ultimo escriptor que manusea
 - « Defeito assaz commum do qual resulta,
 - « Abundancia de sabios cataventos (2)

Dizer que a geração presente não merece confiança, salvo uma excepção de poucos nomes, porque já não ha um Azevedo, um Varella e um Ferreira de Menezes, é tornar-se pueril; mais ainda é mostrar-se insensato.

(2) Decorophobia ou as eleições.

Os nomes citados destacaram-se d'entre seus contemporaneos, porque alguma cousa de superior havia n'elles, portanto eram excepções. Pela mesma razão os nomes que hoje mais se destacam do quadro na Faculdade de S. Paulo não serão os heróes da nova geração? Theophilo Dias não é um poeta de merito igual a Varella ou Azevedo?

Negar seria cair no erro, continuar desconhecendo a verdade seria insistir intencionalmente no terreno do falso.

Outras paginas d'este livro levarão nomes distinctos, que o tempo hade constantemente relembrar, da mesma maneira que com a es-

ponja da verdade apagará os das mediocridades empavonadas.

E' a verdade que repelle a mentira, a luz que desfaz a sombra.

* * *

Que fallem esses *forrieis litterarios*, pouco nos importa, e diremos sempre com Ramalho Ortigão : « cremos firmemente na mocidade e adoramol-a ainda em todos os seus defeitos. » (3)

* * *

(3) Em Pariz.

Dar traços rápidos, verdadeiros esboços do movimento litterario academico em 1879, eis o nosso intento.

Ouzados, mas despidos de todas prevenções, auxiliados por um estudo ao menos consciencioso, emprehendemos semelhante trabalho, sem outra aspiração além da de prestar um serviço real á Faculdade de Direito de S. Paulo.

Usaremos da critica e portanto da imparcialidade. Não é simples promessa, mas o proposito firme que nos anima.

A critica que tem de auxiliar-nos será sempre moderada. Não podemos usar da critica severa, falta-nos para isso a illustração

adquirida pelo estudo aturado em longos annos e ainda porque a estréa de um moço, embora de talento, poucas vezes resiste a força de rigorosa critica.

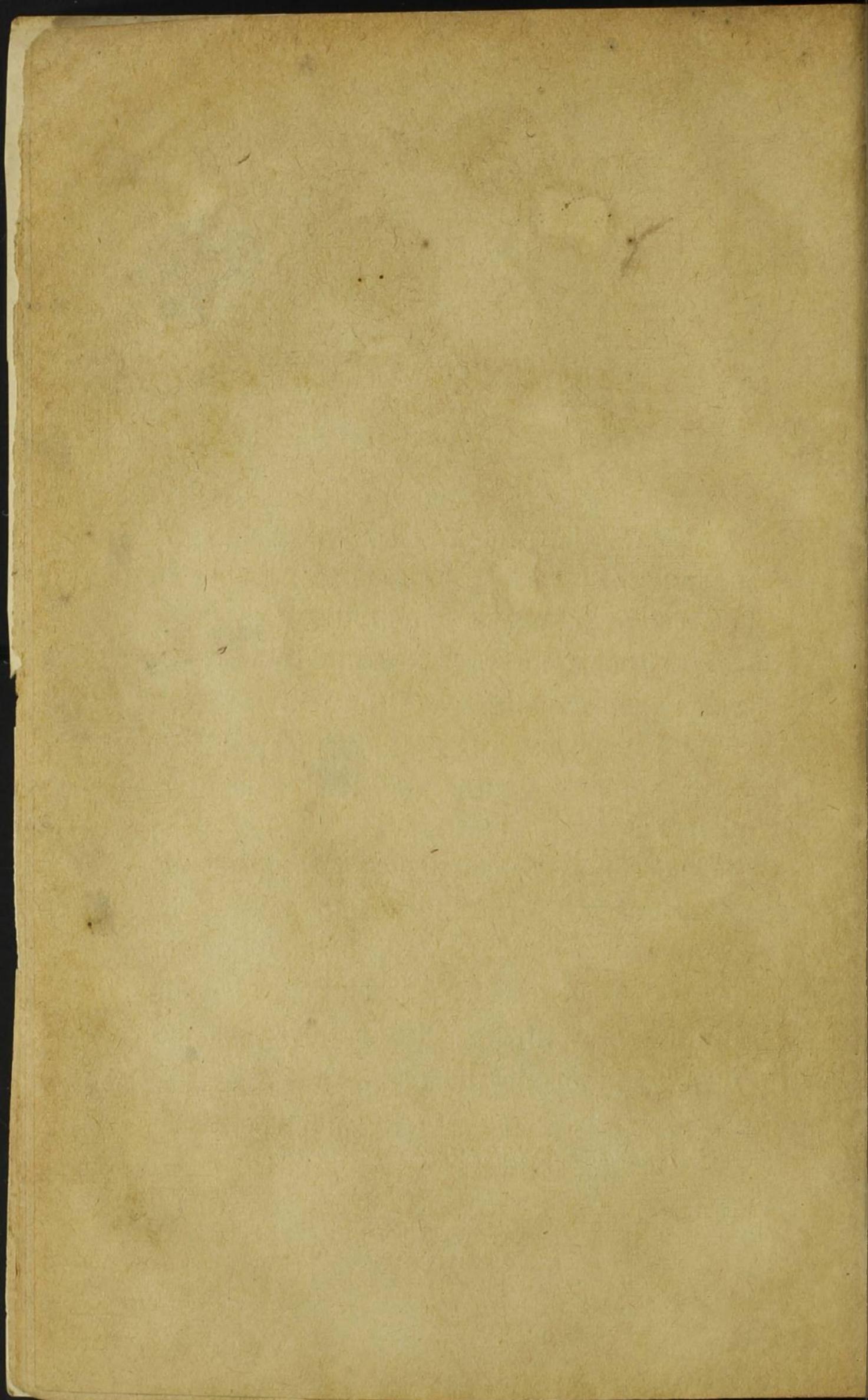
A critica academica deve ser proporcional á quem tem de applical-a e á quem vae ella ser applicada.

Entre nós que começamos agora os torneios litterarios ha em um e outro caso pouca agilidade no correr da penna e falta de elementos. A não observancia do primeiro preceito lança-nos o impossivel, a do segundo o desanimo pela severidade. Em ambos os casos o ridiculo para aquelle que emprehende tão arduo trabalho.

N'esta parte seguimos Lopes de Mendonça, quando diz :

« Queres applicar a mancebos que ainda mal balbuciam a lingua, as prescripções severas que se applicam a talentos feitos ? Queres esmagar os embriões fecundos, e não esperas que as vocações plenamente desabrochem ? A nossa litteratura é uma esperança ; podemos nós, condemnal-a antes de a ver, crescer e vigorar ? Applicar uma analyse severa ás primeiras manifestações do talento, não é de certo o meio mais efficaz de constituirmos as lettras, e de as salvarmos das invasões da mediocridade. » (1)

(1) *Memorias de litteratura contemporanea.*



JORNALISMO ACADEMICO

O anno de 1879 foi fecundo na Faculdade de S. Paulo. Nove livros, um drama em scena e oito jornaes são o protesto mais energico contra o cruel anathema que nos foi lançado.

Foi o movimento reaccionario da inercia de 1878. E' mais uma justificativa para o que temos dito.

Fallaremos do jornalismo em primeiro lugar.

* * *

O jornalismo academico em 1879 foi exclusivamente politico. A imprensa litteraria desapareceu, o choque das opiniões politicas não a deixou vigorar.

Quer no centro de sociedades litterarias, quer no de empresas particulares encontram-se todos os credos politicos. Elles não moderam-se um só instante, subjugam a idéa primeira e abre-se a lucta na occasião ainda mesmo mais impropria. D'ahi o capricho de opiniões exaltadas e a instituição necessariamente succumbe.

A pouca duração que na Faculdade de S. Paulo têm os jornaes litterarios é prova irrefragavel do que acabamos de dizer.

Durante o anno de 1879 foram publicados os seguintes jornaes :

O Constitucional representante do partido conservador academico (1). Dos jornaes politicos foi o que mais vezes apresentou-se em publico. Conservou-se poucas vezes, como foi de seu programma, no terreno dos principios,

(1) Foram redactores: Bacharel F. Mendes (chefe), Bacharel Werneck, Cardoso de Mello Junior. H. Graça, E. Prado, B. Vasconcellos, Andrade Figueira, I. de Almeida, L. Garcia e Sá Vianna. I. de Almeida e L. Garcia foram substituidos por Camara Leal e Penaforte de Almeida.

descendo muitas vezes a politica pessoal. Dispondo de alguns moços de talento em sua redacção o organ do Club conservador desempenhou perfeitamente a sua missão. Werneck e Cardoso de Mello desenvolveram diversas theorias da escola conservadora, mostrando sempre que sabem reunir o estudo ao talento. Andrade Figueira e Barros Vasconcellos escreveram bons artigos e H. Graça deu-nos algumas vezes bons folhetins. Com marcha tão regular advogou o *Constitucional* os seus interesses, as suas idéas e as convicções firmes e conscienciosas.

Foi seu redactor chefe o Bacharel Fernando Mendes que em diversos artigos censurou com razão alguns actos do ministerio de 5 de Janeiro.

*
* *

A Republica (1) incontestavelmente estava entregue a uma boa redacção.

(1) Foram seus redactores: Magalhães Castro (chefe), Souza Brandão, Carvalho de Mendonça, Felicio dos Santos, Pelino Guedes, Valentim Magalhães e Assis Brazil.

Magalhães Castro, Pelino Guedes e outros são verdadeiras garantias para o partido a que se alliamam.

Advogados sinceros de uma causa inoportuna apresentaram-se animados pela divisa republicana, para mais tarde esphaccellar-se mutuamente.

Foi portanto a falta de *fraternidade* a causa da dissolução do Club Republicano e do desaparecimento de seu orgam.

* * *

Sectarios conscienciosos da escola opposta á Republicana somos comtudo os primeiros a confessar que a mocidade academica de S. Paulo é geralmente republicana.

Confessamos ainda a excellencia da idéa democrata e até podemos avançar que no coração do conservador mais affeito ás idéas rigorosas da antiga escola, que hoje tem soffrido tantas modificações, existe o germen de principios tão generosos.

Não labutamos em erro defendendo os nossos principios, porque antes da victoria da

idéa queremos o progresso da patria. Infelizmente o povo que nos cerca, que enche as praças e ruas, que se diz republicano e inimigo dos padres é apenas ignorante. Pedem escolas para tel-as vazias e no proprio futuro, onde todas as nações confiam, o Brazil só espera continuadores dos maus habitos e do character vacillante que se encontra a cada passo. O povo parece refractario á instrucção que se lhe procura dar, para depois pedir a deposição da corôa e a separação da Igreja e do Estado, guiado por cabeças louquejantes a que segue servilmente, porque não sabe lêr, ignora seus direitos, desconhece a força da lei e exige depois respeito á sua soberania.

A Suissa não nos serve de exemplo, porque naquelle abençoado paiz o aldeão quando deixa o arado pôde pegar no livro. A França e os Estados-Unidos estão no mesmo caso.

Nós, porém, já não somos assim. O artista que nos paizes civilizados eleva-se, tomando parte na representação nacional, entre nós avilta-se por ser extremamente ignorante, por deixar a officina para votar inconscien-

temente nas malfadadas eleições, por esquecer a escola, onde ia lér o A B C que para elle devia ser o poema da regeneração, para correr a um *meeting* estúpido, onde vai applaudir palavras ócas que elle mesmo nem percebe.

Entretanto o artista tambem é povo, queixa-se de não ter direitos, quando elle é o unico criminoso por não conhecer esse direito, quando é verdadeiro suicida, porque pelos prazeres momentaneos embota o espirito e soffre assim a peor das mortes—a morte moral.

Si o povo no Brazil tivesse por divisa a cruz, o arado e o livro, se o artista fosse artista e a industria fosse realidade, outro seria o destino d'esta terra, outro seria o partido republicano.

Ahi fica uma confissão feita por espirito conservador e n'isso não vai contradicção, porque seremos republicanos quando as nossas doutrinas cairem por si mesmas, o que succederá quando os principios que estabelecemos vigorarem.

Então todo Brasileiro será republicano, porque o espirito cultivado não escurece a razão e sacrifica idéas com fundamentos e preconceitos ao amor da patria á prosperidade da terra em que nasceu.

*
* *

A Republica desceu muitas vezes a analyse pessoal, reconheceu no Sr. Lafayette o transfuga politico e mostrou-se firme na defeza de suas idéas.

Com a publicação de dois numeros desapareceu a Republica, contando quatro annos de lucta.

*
* *

O Liberal (1) como todos os jornaes politicos na Faculdade de S. Paulo peccou, descedo á questões pessôaes.

Como jornaes de propaganda deveriam elles conservar-se na analyse dos principios, em questões puramente de theoria.

(1) Foram redactores: F. de Novaes (chefe), Monteiro Peixoto, J. Dantas, V. Marcondes, J. Carvalho, G. e Abreu, Augusto Marques e Teixeira Leite.

O *Liberal* appareceu tres vezes na Academia sempre gozando de bom conceito, graças aos esforços de seus redactores, especialmente aos de F. de Novaes que foi incansavel na sustentação do orgam, de cuja redacção era chefe.

Sua redacção era composta de moços de muita intelligencia como Novaes, M. Peixoto, A. Marques, Dantas e T. Leite que sustentaram suas idéas com firmeza e de modo louvavel. Sentimos que todos os seus redactores não tomassem parte nas luctas para que se inscreveram, porque maior seria a noticia que agora teriamos de dar.

Hermenegildo de Almeida, que julgamos ter idéas republicanas, escreveu por diversas vezes no *Liberal* e permitta-nos que lhe apontemos como defeito de seus longos artigos grande numero de extensas citações, superior ao desenvolvimento dado pelo articulista, o que obriga-nos a dizer a H. de Almeida que os seus trabalhos parecem escriptos a quatro ou mais pennas.

Guarda H. de Almeida a sua illustração e diga-nos qual sua opinião nas questões que discute e a que escola politica pertence.

Ha tres annos que o *Liberal* peleja á favor de suas idéas.

*
* * *

A *Reacção* (1) é organ do Circulo dos Estudantes Catholicos. Este jornal academico mais que todos os outros merece as saudações sinceras de quem com imparcialidade falla á seu respeito.

Advogando uma idéa santa para nós, embora loucamente taxada de *idéa negra*, a *Reacção* foi o verdadeiro jornal de propaganda. Com desinteresse extremo, sem outra aspiração que a de levar á toda parte por meio da imprensa as doutrinas da religião Catholica, seus redactores apresentaram-se como defensores decisivos das idéas que actualmente

(1) Foram redactores: B. Dauntre (chefe), Mattoso, Filinto Bastos, I. de Almeida, J. Vicente, Raphael Corrèa e Valois de Castro. Depois ficou assim composta: R. Corrèa (chefe), Canuto, Filinto, Leão Borroul, José Vicente e Valois de Castro.

encontram, em cada superficial, um inimigo acerrimo.

Considerou a idéa Catholica por diversos pontos de vista, mostrou certeza em suas opiniões e grande firmeza na manifestação das mesmas, arredando sempre de si o ridiculo com que a futilidade pretende jogar, ainda mesmo nas discussões mais serias e graves.

A *Reacção* tem tres annos na cruzada que empreheudeu.

*
* * *

A *Evolução* (1) em 1879 foi o jornal academico e de empreza particular que mais vezes appareceu na Faculdade de S. Paulo. Foi bem redigido e por moços intelligentes.

Pediram em prosa e verso o estabelecimento da republica e Assis Brazil remetteu tudo a Deus nos fragmentos dos *Libellos*. Incontestavelmente a *Evolução* mostrou trabalho

(1) Foram seus redactores Julio de Castilhos, Pereira da Costa e Assis Brazil.

e coragem da parte dos que a redigiam, e foi pena que gastassem o tempo na defesa de uma causa hoje impossivel para o Brazil. Conservou por muito tempo com o *Liberal* discussão impropria para jornaes academicos. Com a *Vanguarda* sustentou tambem discussão, porém séria de parte a parte. Apesar das meditadas respostas da *Evolução* é forçoso concluir que succumbiu ás razões de Leão Borroul.

O *Liberal* apontou nas poesias de Assis Brazil laivos de Guerra Junqueiro.

Assis Brazil é moço de talento, republicano exaltado, pedindo para hoje os fructos que só serão amadurecidos amanhã, póde ainda ser bom poeta si tornar-se original. Mas emquanto escrever versos que lembre os de G. Junqueiro e Antero de Quental não nos merecerá o devido conceito.

Guerra Junqueiro é o modelo que Assis Brazil segue, muitas vezes de maneira servil, podendo ser accusado de plagiario.

Para prova :

- « Muitos mil annos ha que luta e ruge oppresso
- « Sem lagrimas d'amor, sem pão de caridade,
- « *Esse grande forçado, a grande humanidade,*
- « Rasgando-se, a sangrar, nos trilhos do progresso (1).

Ouçamos G. Junqueiro, *Morte de D. João*,
pag. 10 :

- « A dôr, a meretriz, a negra irmã da morte
- « E' a grilheta vil chumbada pela sorte.
- « *Ao pé da humanidade — esse immortal forçado.*

No n. 7 da *Evolução*, em resposta ao *Liberal*, Assis Brazil para justificar-se compara os seus versos com os do auctor da « *Morte de D. João* », mas infelizmente o resultado da comparação lhe foi contrario.

Diz G. Junqueiro :

- « Maldito sejas tu por toda a eternidade !
- « E não possa jámais na tua consciencia
- « Entrar um raio só de graça e claridade !
- « Em nome da justiça, em nome da orphandade,
- « Em nome da miseria, em nome da innocencia,
- « Em nome de Jesus, do céo da Providencia,
- « Maldito sejas tu por toda a eternidade. »

(1) A *Evolução* n. 8.—A' luz dos Evangelhos.

Diz Assis Brazil :

« E' em nome de tudo isto, em nome da Verdade,
« Da Santa Consciencia e da bemdita Luz,
« Em nome da Concordia, em nome de Jesus,
« Que eu te venho accusar, sacrilego tyranno,
« O' velho phariseu Catholico-Romano. »

Bem sabemos que na ultima estrophe Assis Brazil não copiou as claras como na primeira que aqui vae citada, mas tirou traços tão primorosos que bem pôde confundir-se com os versos de G. Junqueiro.

Não queremos entrar na apreciação dos dous trabalhos ; tomamos o mesmo expediente que o auctor dos « Libellos » chamando o leitor para juiz na questão vertente.

A Idéa (1) foi a unica empreza litteraria que pôde manter o primeiro anno de 1879.

Guerreada por alguns moços, inimigos do cultivo das lettras, pois não concebe-se que possam moços que se dedicam ao

(1) Foram seus redactores: A. Coelho, R. Fabrino, Rangel, B. Gama, Cassal, Sá Vianna, Badaró, Ernesto Alves, Fidelis de Oliveira e Henrique Lascasas.

trabalho apresentar-se ostensivamente hostis a uma empreza fundada por collegas, a *Idéa* conseguiu chegar ao terceiro numero.

A *Idéa* foi um pequeno ensaio e nos poucos numeros publicados offereceu bons artigos de Alexandre Coelho, nos quaes facilmente percebe-se o interesse que toma esse moço pelo estudo de questões sérias e de reconhecido proveito. Intelligente e estudioso, Alexandre Coelho promette-nos muito.

Henrique Lascasas em dous artigos, bem como R. Fabrino em suas poesias mostraram-se moços de talento. Aconselhamos comtudo a ambos estudo aturado para que realizem-se as nossas esperanças, e lamentamos no primeiro o excesso de suas idéas republicanas.

Fidelis, Badaró e Cassal pouco escreveram, não por lhes faltar o necessario elemento.

Ainda que outro merecimento não tenha a *Idéa*, resta á sua redacção o consolo de que não conservou-se immovel; e, embora luctando com a má vontade de um lado

e com a falta de pratica de outro, destacou-se quando menos pelo amor ao trabalho.



A *Vanguarda* apresentou-se no circulo academico defendendo com louvavel interesse as idéas do Catholicismo.

Sob a direcção do primeiro jornalista academico, a *Vanguarda* não cedeu um passo do terreno em que collocou-se, nem afastou-se do programma que prometeu seguir, e só desapareceu, quando seu redactor, Estevão Leão Bourroul, quiz escrever, não para a Faculdade de S. Paulo, mas para o mundo Catholico, quando conheceu que tinha força bastante para justificar os suppostos erros de suas crenças firmes.

Leão Bourroul é moço ainda, vive em um seculo em que o espirito religioso é chamado—retrogrado, e—jesuita o que ousadamente affronta o superficialismo que tudo invade, que vae murchar as crenças que o menino recebeu nos braços maternos.

Hoje tudo vive, não de liberdade, porém de licença, não do raciocinio fundado em juizos seguros, mas das leviandades dos loucos pensadores.

Leão Bourroul, porém, é impassivel a semelhante abatimento do espirito humano. O Papa para elle sempre foi o Vigario de Christo, o *Syllabus* uma fortaleza da religião. Crê firmemente no Papa, aceita o *Syllabus* e vive tranquillo, porque falla e escreve o que pensa com convicção.

Sem duvida Leão Bourroul é incansavel na propaganda catholica. Ora na *Reacção*, ora na *Vanguarda*, ora no *Monitor Catholico* o illustrado jornalista discute com sisudez, respondendo com argumentos solidos e exemplos frisantes aos apupos da impiedade, aos inimigos da — *sotaina fradesca*.

*
* *
*

A *Opinião* (1) foi o ultimo jornal politico que appareceu em 1879 na Faculdade de S.

(1) Foram seus redactores: Affonso Peixoto e Victor Monteiro.

Paulo. Jornal propriamente de opposição, nunca de propaganda de idéas politicas, defendendo o partido liberal, censurou com criterio os actos do governo de 5 de Janeiro, graças ás intelligencias que o redigiam.

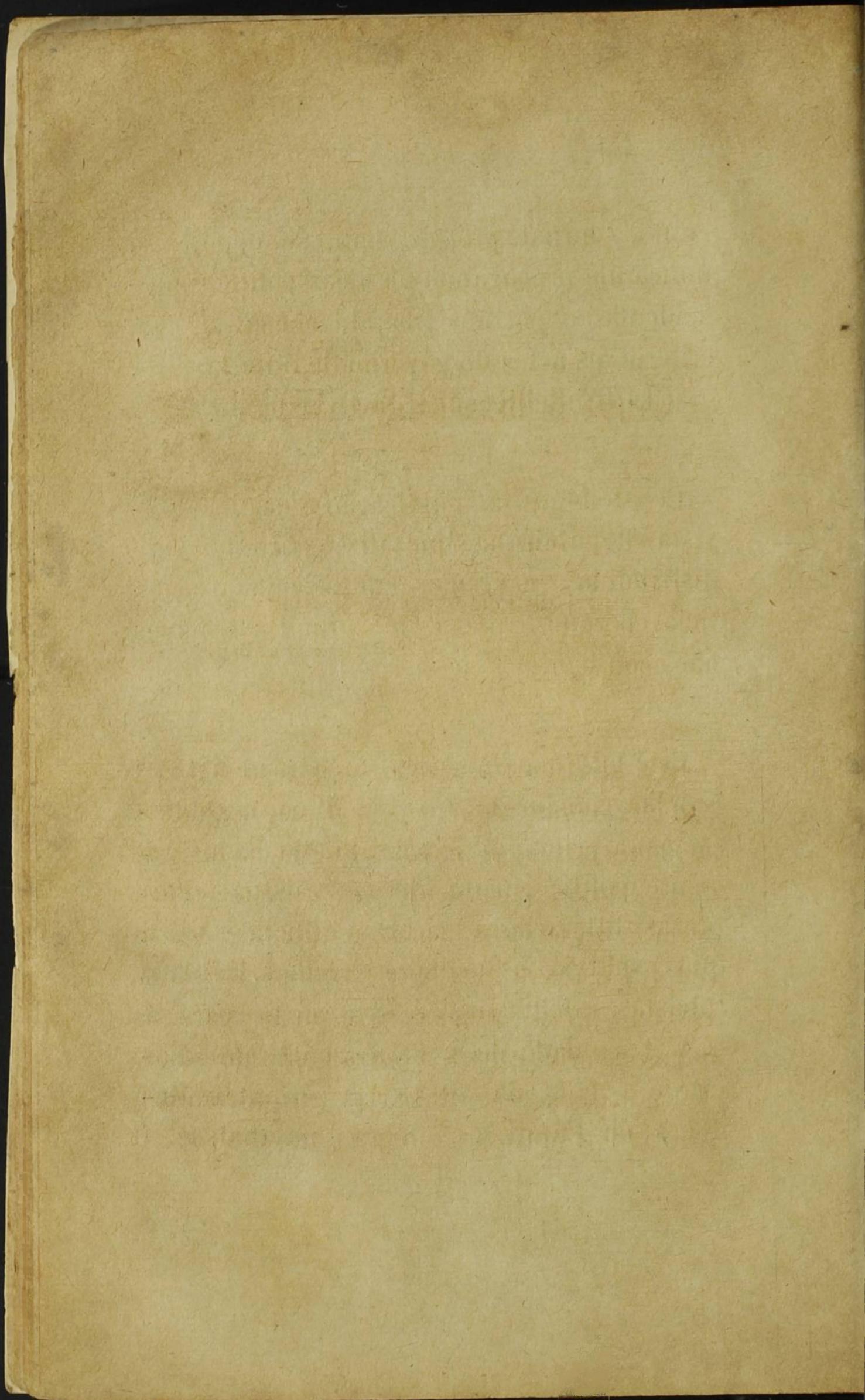
* * *

Constou-nos a publicação de uma Revista Republicana que dizem não ter sido distribuida ; e cremos em semelhante noticia, porque apesar de grandes esforços não conseguimos lel-a.

* * *

Este foi o movimento jornalístico em 1879 e delle conclue-se a verdade do que dissemos a principio de ter sido elle exclusivamente politico, não podendo resistir as emprezas litterarias á má athmosphera politica que asphixia os melhores talentos, as mais robustas intelligencias.

A Faculdade de S. Paulo sentio extremamente a falta da adextrada penna de Manhães de Campos.



CLUBS E ORADORES ACADEMICOS

A crença politica em S. Paulo tem dividido mais ou menos o corpo academico.

A falta de Clubs e jornaes litterarios torna-se sensivel.

Si a idéa é o mais forte laço para ligar os homens, como alguém já o disse, a politica academica liga os estudantes da Faculdade de S. Paulo unicamente em theoria. Para acceitar as idéas na pratica ainda é muito cedo, a esphera em que vivemos limita-se as concepções, prepara o espirito para as luctas futuras e para o derramento de odios.

Nas associações litterarias encontramos a theoria e a pratica na regra e na analyse. O

circulo litterario além de mais vasto do que o politico é tambem mais fertil, o trabalho é todo intellectual. Portanto ha superioridade da victoria.

A necessidade de relações que interessem e liguem os academicos entre si nota-se facilmente e d'ahi o pouco colleguismo que encontra-se na Facutdade de S. Paulo, unicamente herança que não nos legaram as gerações passadas.

Os Clubs politicos na Faculdade de S. Paulo limitam-se a promover a publicação de seus representantes na imprensa. A discussão de pontos controversos, as conferencias publicas tão uteis para desenvolvimento da doutrina e habito da tribuna passam esquecidas, talvez como meios de pouca importancia.

Os Clubs Constitucional e Liberal limitaram-se á publicação de seus representantes.

O Circulo dos Estudantes Catholicos teve o mesmo procedimento. O Club Republicano abriu suas portas ao publico e discutia pontos duvidosos do seu programma, quando foi dissolvido.

Poderia elle traçar aos outros Clubs novos meios de propaganda, si o espirito desordeiro não lançasse o pomo da discordia entre os homens da *idéa nova*.

Os primeiro-annistas debalde reuniram-se no theatro S. José com o fim, aliás louvavel, de crear uma sociedade litteraria. Dissolveu-se poucos dias depois de installada (1).

Frustrado ainda foi o plano dos que crearam em uma sala do palacio da presidencia o Instituto Litterario Academico (2). Ou fosse a idéa politica, ou outra razão que não nos cumpre saber, o Instituto, como todas as outras sociedades litterarias, teve de ceder a força do destino que preside taes idéas e mais uma vez o Ensaio Philosophico mostrou-se-nos ao longe, como o maior padrão

(1) A redacção do orgão do Club era o seguinte: Pedro Lessa, Waldomiro, Martim Sobrinho, Sá Vianua, L. de Castro, P. da Silva e outros de cujos nomes não nos recordamos.

(2) A redacção do orgão era a seguinte: Silva Nnes, R. Fabrino, A. Coelho, Argemiro, Waldomiro, Caldas Vianna, M. de Andrade, H. Lascasas, Urbano do Amaral e Sá Vianna.

de gloria academica dos tempos findos e dos talentos que passaram.

A Greve Juridica (1) e o Ensaio Juridico fundados pelos estudantes do segundo e primeiro anno não passaram de boa vontade.

* * *

A falta de clubs, onde se travasse a discussão, onde a palavra pelejasse em favor da idéa, e a lucta da opinião vacillante fortificasse a crença pelo esclarecimento dos principios, deixou poucos meios para reconhecer-se o talento oratorio na Faculdade de S. Paulo.

Os oradores dos Clubs nem sempre satisfazem, porque faltam-lhes muitas vezes os principaes dotes para a tribuna academica.

* * *

Eduardo Prado é o orador do Club Constitucional. (+ 30-8-1901)

Moço habil, apto talvez para as luctas da

(1) A redacção da *Gazeta Juridica* era: Pelino, Gomide e A. Toledo.

imprensa, a natureza foi-lhe ingrata negando-lhe os dotes oratorios.

Ouvimos dous discursos de E. Prado no Circulo dos Estudantes Catholicos e no Club Litterario do Primeiro Anno, podendo concluir dahi que Eduardo Prado apezar de ser moço de muitos recursos intellectuaes, não occupa satisfactoriamente a tribuna, porque a sua figura não é agradavel, a voz torna-se embaraçosa e a palavra não é fluente.



Pires Brandão, orador do Club Liberal, é outro moço de talento. Figura sympathica, voz agradavel, palavra facil e correcta, em S. Paulo não desmentio as palmas que lhe tributou a Faculdade do Recife.

Para nós tem elle um pequeno defeito, e é a gesticulação exaggerada, ou antes impropria, levando muitas vezes as mãos quasi á cabeça. Fez-se ouvir por diversas vezes, durante o anno de 1879, unico em que

curvou a nossa escola, arrancando sempre verdadeiros applausos.

Durante o anno de 1879 foi Pires Brandão um dos primeiros oradores academicos.

* * *

Cardoso de Mello Junior é o orador do Circulo dos Estudantes Catholicos. Talento aproveitavel e aproveitado Cardoso de Mello, que por nós já foi citado e que em breve sel-o-a outra vez, não é propriamente orador academico. Sympathico, com fortes elementos intellectuaes, com gesticulação mais apropriada que a de Pires Brandão, o intelligente academico teria as honras de orador si a palavra lhe fosse mais facil, a voz mais harmoniosa e as imagens collocadas em lugares proprios. Comtudo Cardoso de Mello falla sem cançar o auditorio que sempre o recebe com palmas.

* * *

Magalhães Castro desde muito nos havia sido apontado como o primeiro orador academico.

Nós o cremos baseados no testemunho unanime da Faculdade a que pertenceu e d'onde com justiça saio com um nome invejavel. Comtudo no anno de 1879 Magalhães Castro nas poucas vezes que fallou não tractou de justificar perante nós que chegavamos o credito de que gozava.

*
*
*

Assis Brazil fallou diversas vezes e podia occupar bom lugar no quadro dos oradores academicos si sua voz fosse mais agradável e si seus discursos tivessem outro assumpto que não a Liberdade.

Assis Brazil tem imaginação vigorosa, dicção facil e correcta e boa gesticulação.

Applaudimos muito o orador e aborrecemos ainda mais o poeta, especialmente quando traz sua aza negra—G. Junqueiro.

Recommendamos a Assis Brazil muita vigilancia no emprego de figuras, porque já o ouvimos dizer em um discurso recitado por occasião da manifestação academica

feita ao Sr. conselheiro Leoncio de Carvalho que « *a historia arrancava os cadaveres dos cemiterios para apresental-os á posteridade, etc., etc.* », o que nos lembrou dous versos do poeta do Reino ás paginas 44 do D. Juan :

« Sabes o que é a Historia ? uma mulher sombria,
« Giganta colossal que anda de noite e dia
« A cavar sobre o chão dos vastos cemiterios,
« Erguendo Pantheons e derrocando altares. »

A imagem não é nova, porém desculpasse essa falta em um improviso, nunca, porém, no verso que é lido e limado.

Confiamos na lealdade de Assis Brazil, que de certo não negará ser do seu discurso o citado trecho.

Assis Brazil estudando e variando os seus discursos será bom orador.

*
* *

Affonso Celso Junior é um dos melhores oradores academicos da Faculdade de S. Paulo. Sympathico, voz sonora e com as modulações proprias, rico de imagens sempre

novas, com a palavra facil Affonso Celso Junior apresenta-se sempre em publico entre sinceros applausos.

Republicano dedicado, dando prova ultimamente do valor que encontra na causa que adopta, Affonso Celso Junior traz, quando vem á tribuna, novidade de assumpto, exposição clara e attrahente e ao contrario de Assis Brazil comprehende que o principio da democracia citado de momento a momento enfada e indispõe muitas vezes o auditorio, onde não ha unidade na crença politica.

Dous defeitos, bem que leves, encontramos em Affonso Celso Junior: má gesticulação, e o amontoado de figuras que algumas vezes torna o seu discurso por demais confuso.

* * *

Monteiro Peixoto em 1879 orou poucas vezes e nós só o apreciamos no beneficio de Ernesto Rossi, quando em um rasgo de eloquencia saudou o grande artista.

Talentoso. com a palavra ardente e frenética. impassível na tribuna, com gesticulação seguindo sempre o pensamento Monteiro Peixoto promette ser bom orador forense, á vista da verbosidade de que dispõe e do modo convicto porque se sabe exprimir. Em Monteiro Peixoto encontramos um dos melhores vultos na tribuna da Faculdade de S. Paulo.

Pedro Lessa no 1º anno foi o que mostrou maior vocação pela oratoria.

E' de um physico não desagradavel, com memoria muito feliz, palavra fluente e gesticulação apropriada. Pedro Lessa estudando e aperfeiçoando alguns pequenos defeitos, desculpaveis em que estréa, pôde ser um bom orador, pois não faltam-lhe recursos para isso.

Barros Cassal foi o orador eleito do Club do 1º anno. E' forçoso confessar que nada conseguirá na tribuna esse companheiro de estudo. Dotado, como é, de intelligencia tem campo vastissimo na imprensa para grandes

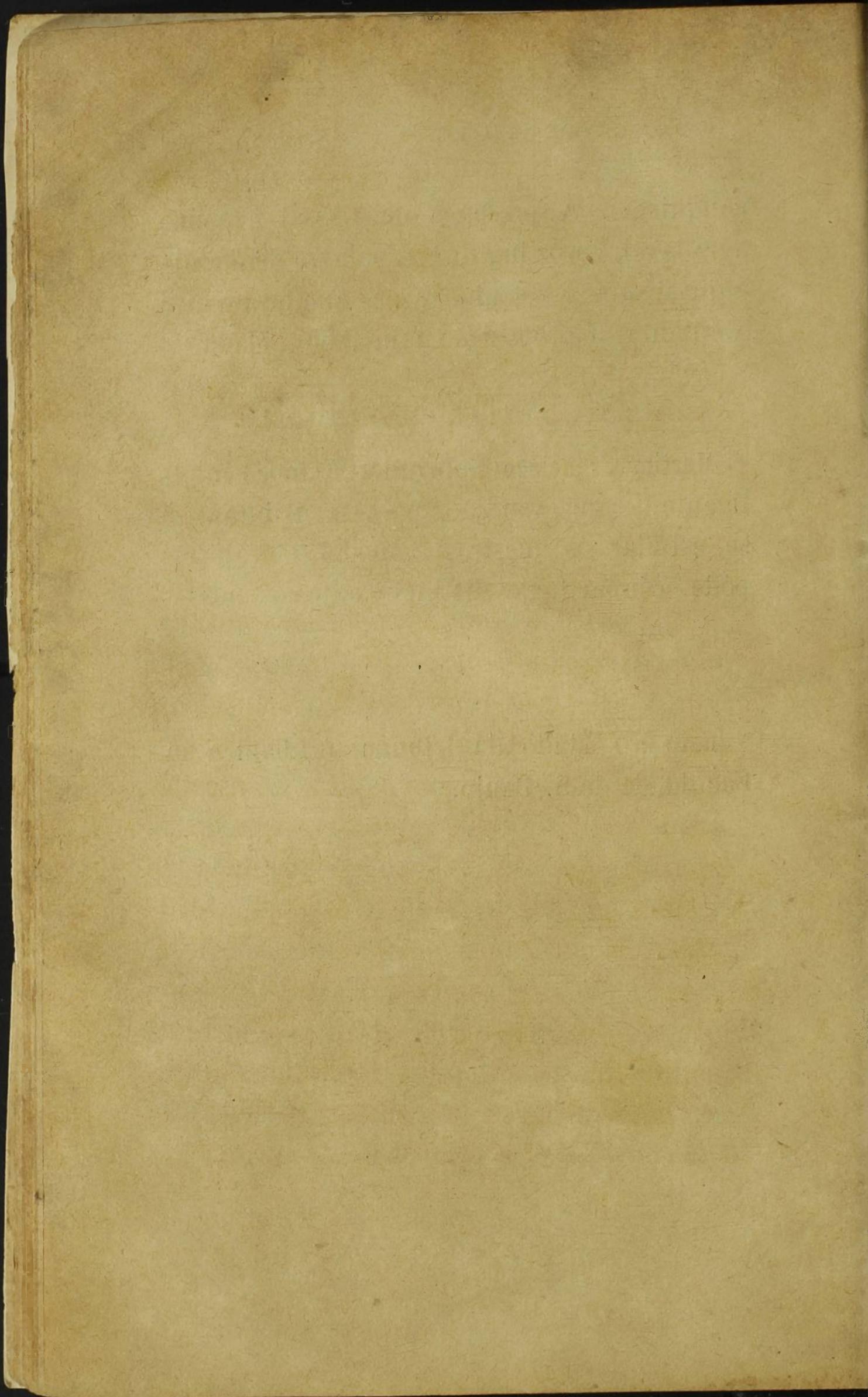
conquistas. A presença de Cassal é pouco agradável, a voz lugubre, a palavra demorada e quasi nunca ornada, razões que levam-nos a adiantar a proposição acima enunciada.

*
* *

Martim Francisco Sobrinho, é moço intelligente, com vocação para a tribuna, e se estudar os mestres e modêlos oratorios póde occupar lugar distincto entre os nossos bons oradores.

*
* *

Este é o estado da tribuna academica na Faculdade de S. Paulo.



ESTUDANTES DE DIREITO

Estudantes de Direito são todos os que diariamente vão ao Convento, ou mesmo os que lá não vão. mas que pagam a competente matricula á Fazenda Nacional. Não é d'essa classe enorme que queremos fallar e entendá-se que o titulo d'este capitulo comprehende os moços que têm interesse pelo estudo do direito e que durante o curso academico dirigem-se exclusivamente as lettras juridicas. Esses. porém, são poucos. A aridez e força do estudo fazem recuar grupos numerosos que limitam-se a adquirir conhecimento geral, base de idéas que só mais tarde serão desenvolvidas pela pratica.

Com o systema de ensino livre o mestre desconhece o estudante, estão desligados completamente e encontrando-se quotidianamente conhecem-se em um só momento, quasi sempre fallivel—o do exame.

Recebido entre numerosos applausos o Decreto de 19 de Abril de 1879 mostrou seu lado negro, fazendo geralmente que os moços mais applicados não tivessem nos exames resultado proporcional a seus esforços.

A garantia da lição desappareceu e com ella o bom estudante, porque o exame poucas vezes indica o que se estuda durante o anno. O nome adquirido em annos anteriores autoriza-nos á citar aqui os estudantes que mais se distinguiram. O mesmo, porém, não podemos fazer com o 1º anno de 1879 que não tinha precedente algum. D'ahi o trabalho extraordinario de conhecê-lo particularmente, porque na aula nada podiamos julgar.

Entre outros que se distinguem no estudo do Direito, notam-se no 1º anno: Arthur de Barros, Pedro Lessa, Waldomiro e Estevam; no 2º anno: Pelino Guedes, Fi-

linto Bastos, Gabriel Gomide e Canuto de Figueiredo ; no 3º anno : Manoel Alvarenga, Raphael Corrêa e Leite Moraes ; no 4º anno : Cardoso de Mello Junior, Bacharel Werneck, Affonso Celso Junior e Horacio Guimarães ; no 5º anno finalmente : Corrêa Dias, Severino Prestes, Fialho e Gusmão.

Além desses moços ha muitos outros que dispondo de bastante intelligencia não seriam inferiores aos que foram citados, se tivessem estudo mais aturado.

Não queremos encher paginas, embora lembrando nomes distinctos, porém credores tão legitimos são elles que somos forçados a apontar no 1º anno : Cassal, Alexandre Coelho, Lascasas, Hugo de Castro, Urbano do Amaral e Alfredo dos Santos ; no 2º : Antonio Augusto de Lima que por sua demasiada modestia não mostra o talento de que dispõe, Assis Brazil, João Marques, Alvaro de Assumpção, Ismael, Velho de Avellar e Manoel Emilio ; no 3º : Caetano dos Santos, Theophilo Dias, D. Rezende, Augusto Marques, Pacheco, J. Jaciatho de Mendonça, José de Almeida

Pereira, V, da Cunha, Eduardo Lima e P. da Costa ; no 4º : Monteiro Peixoto, Dauntre, Bulhões Jardim e João Silveira, um dos poetas mais distinctos da geração presente e que vive ignorado ; no 5º : Novaes, M. Castro, P. Brandão e Wasghinton.

Não conclua-se d'esse ligeiro apontamento que muitos de igual merito não existem além d'esses. Não, isso não é certamente o que pretendemos dizer, e nem mesmo o fariamos para não negar titulos aliás justos, como são os que se adquirem pelo estudo e talento.

*
* * *

Aqui termina este capitulo e ficamos cheios de contentamento, porque em breves linhas apresentamos nomes que não desmentem as gloriosas tradições da Faculdade de S. Paulo.

ONZE DE AGOSTO E NOVE DE SETEMBRO

Eis ahi dois dias celebres na historia academica do paiz, duas datas notaveis na marcha sempre civilisadora d'esta boa terra, patria de celebrados talentos.

Onze de Agosto devera ser um dia de gala nacional; a artilharia e o estandarte deveriam saudal-o. Mas para que serviria essa luxuosa manifestação? Porventura o povo desconhece as glorias que encerram os grandes dias? E' preciso que outra cousa além da memoria lhe desperte as idéas que o tempo durante o rapido gyro do sol desenha no quadro da vida?

Talvez. O nosso povo é indifferente muitas

vezes áquillo que mais o póde vivificar. A superfluidade domina-o. Vive mais para sentir do que para conhecer. Dorme indolentemente e mal desperta ao som dos *hurrahs* da mocidade, dos *hurrahs* do futuro, porque « a mocidade é o futuro. »

O grande dia passa quasi que desconhecido e só de dois pontos d'este vasto Imperio — S. Paulo e Recife ouvem-se as saudações dos moços que trabalham nas mesmas officinas da Sciencia do Direito. São festas modestas, que infelizmente não interessam senão áquelle pequeno mundo, porém são ellas as verdadeiras festas da intelligencia, onde lê-se no livro do trabalho ao som do grande hymno do futuro — o amanhã da mocidade.

Onze de Agosto na Faculdade de S. Paulo é um dia de geral contentamento. Não sabe, porém commemoral-o. E' sempre no theatro que os academicos reunem-se ligados pela unidade da idéa. A caridade muitas vezes toma parte na grande festa academica, implorando auxilio para a continuação dos estudos de moços pobres. Nos intervallos dos

actos oram os representantes dos Clubs e os particulares.

E' com pezar extremo que censuramos a recepção pouco delicada que a platêa costuma dar áquelles que ainda animam-se a subir á tribuna. A festa de 1879 causou-nos acanhamento. Os Clubs politicos não se fizeram representar, evitando assim o disturbio e o aparte grosseiro que necessariamente teria de apparecer.

Fallaram *Cardoso de Mello Junior* que apesar de merecer applausos, foi por diversas vezes perturbado por ditos picantes, que certamente não partiram do corpo academico; *Cyro* por parte da Greve Juridica e *Ismael* que que foram bem recebidos; *Lamounier*, muito vaiado e *Affonso Celso Junior* que sem duvida fez as honras da noite com um excellente discurso.

*
* *

Nove de Setembro é outro dia bem celebre.

Os maus habitos que legou-nos a Universidade de Coimbra, a fereza de recepção es-

colar que nos mandaram das margens do Mondego tinham sido incutidas no espirito brasileiro.

Nos portaes das aulas do primeiro anno havia o ridiculo que recaia n'aquelles que inscreviam seus nomes na caderneta do bedel. A vozeria desenfreada, a pateada brutal e o riso de escarneo eram as saudações que tinham os *desventurados calouros*. Peior que tudo isso era o desprezo que alguns desarra-zados veteranos tributavam ao novel operario, conservando-o muitas vezes em estado de aviltação. Eram espiritos de garotos com gracejos verdadeiramente offensivos.

Restava, como desagradavel memoria dos tempos idos, essa pilheria Coimbrense, tudo mais fôra banido. A batina academica não achou quem a quizesse usar e os nossos mestres não liam da cadeira as sebentas cadernetas de todos os dias.

Era urgente lançar barreiras ao dicterio infrene e isso realizou-se embora com derramamento de sangue, graças ao primeiro anno de 1878.

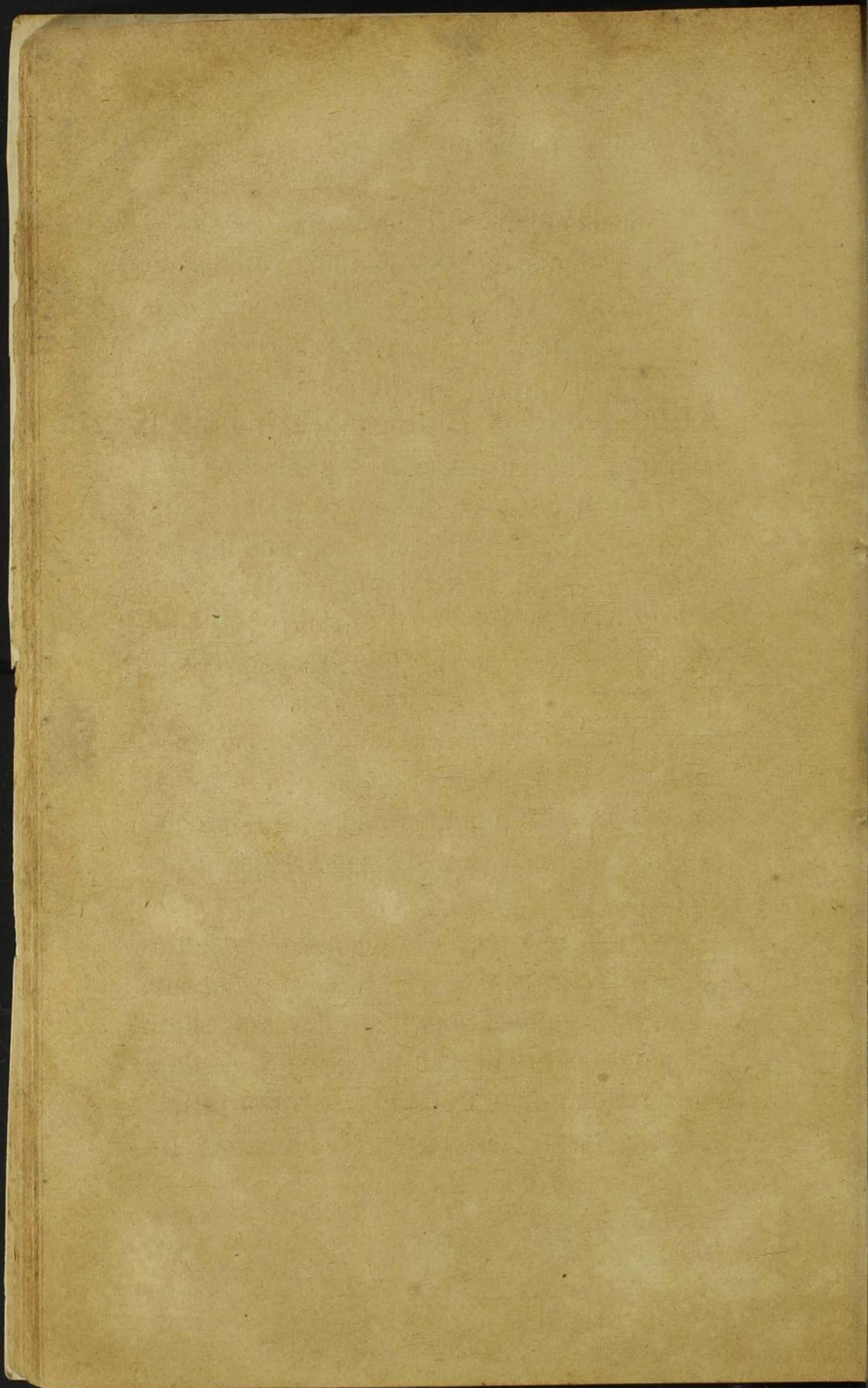
A mocidade do primeiro anno em 1879 passou somnolenta pela columna commemorativa de 9 de Setembro, sentindo, embuçada em lã os ultimos ventos frios do inverno e contando os ultimos dias de aula.

Nem appareceu uma lembrança de moço, nem uma demonstração de agradecimento a boa hospedagem que teve o primeiro anno.

Nada os moveu. Para tão solemne dia não continuar em silencio dos que hão de vir fique para commemoral-o ao menos uma censura grave aos novos academicos da quadra que delineamos.

* * *

Além d'estes dois dias S. Paulo não tem outros que o agitem e o Recife só tem o primeiro porque não quebrou ainda com a velha usança da mocidade academica do Reino de Portugal.



A GENTE DO MOSTEIRO.--SILVA JARDIM

Pelo desenvolvimento das lettras, diz um escriptor, avalia-se exactamente a força de um povo e o seu progresso quer material, quer moral. Pelas lettras ainda, dizemos nós, conhece-se o typo da epocha e o character da nação. As lettras tambem apreciam-se pelas proprias lettras, isto é, pela critica litteraria.

A critica não recebe o dogma de talentos que não se imponham, invade francamente o que está em seu dominio, devassa ponto por ponto as producções do espirito, desde a sua primeira manifestação até o seu ultimo passo na escala das concepções humanas. Na

analyse e julgamento das obras, á que ella se dirige, traça leis geraes, principios immutaveis, formando um complexo de normas faceis para a direcção do escriptor novel.

A critica litteraria é consequencia fatal do movimento litterario ; apparece insensivelmente, como si a propria litteratura a invocasse, como si o seu trabalho fosse o ultimo elemento para a formação do quadro, onde desenham-se os diversos ramos litterarios das concepções do espirito humano.

Quando a litteratura dispõe de elementos, quando o molde torna-se necessario, quando finalmente desponta o momento fatal do apparecimento da critica, quem della vai-se occupar, investe-se da autoridade, arma-se da imparcialidade, cerca-se de conhecimentos indispensaveis e variados e começa a sua missão. A necessidade de um livro de critica desperta o desejo, o desejo torna-se em ansiedade que depois da leitura da primeira pagina converte-se em odiosidade e a causa então é cheia de milhares de responsabilidades.

A esse proposito diz muito bem Luciano Cordeiro :

« Trata-se de critica. Trata-se de uma cousa muito fallada e pouco sabida, muito pedida e pouco aceita. Todos lhe lamentam a falta, todos lhe reconhecem a necessidade, todos a apedrejam na apparição. » (1)

*
* *

Como os grandes circulos litterarios, a Faculdade de S. Paulo sentia necessidade urgente de um livro de critica moderada e proporcional aos esforços de moços que commecam a lutar em terreno duvidoso e ainda com opiniões mais ou menos vacillantes.

Silva Jardim prometteu esse livro e por elle apresentou um outro em fins de Abril de 1879.

O livro com sofreguidão esperado não era de critica, nem ao menos de chronica, era simplesmente uma lista de factos adulterados, narrados em uma linguagem pendantsca,

(1) Luciano Cordeiro. *Livro de critica.*

cheio de ornatos forçados, fructos de uma imaginação pobre, fraca, e portanto pouco creadora.

A *Republica* saudou sem encontrar echo no jornalismo academico, o apparecimento do *denodado batalhador*, encontrou entre a GENTE DO MOSTEIRO e a vassoura certo ponto de contacto, que para nós outro não é senão o valor de uma e outra cousa que deve ser o mesmo.

A Faculdade de S. Paulo releu o folheto de Silva Jardim e começou a descobrir nas paginas da obra o insulto que lhe era lançado. Felizmente o insulto, a critica feita a semelhança das que nos dá o portuguez Camillo, converteu-se em lama e ficou no proprio livro.

Depois appareceu a *Evolução* que augurou a Silva Jardim « um dos primeiros lugares, senão o primeiro na critica litteraria do paiz. » E isso foi dito na Faculdade de S. Paulo em 1879 !...

Pobre paiz ! E no autor da *Gente do Mosteiro* tem o Dr. José Maria Velho da Silva o successor !

*
* *
*

Para ajuizarmos da vocação que tem Silva Jardim pela critica só ha uma prova— seu livro. Essa, porém, lhe é contraria.

Inimigo da grammatica portugueza, dispondo como unico conhecimento dos escriptos de Luciano Cordeiro, quer impôr-se pela energia da palavra em phrases curtas, quando ainda não se impôz pela intelligencia e muito menos pela illustração.

Quando falla dos Clubs Silva Jardim considera o Club Liberal « sem *idéas*, com a *idéa* « não *idéa* », a *idéa* do *non esse*, do não ter *idéas*, não definido, sem raias, sem principios, etc. » Tanta *idéa*—para dizer que um partido dirige-se sem principios, sem *idéas*, quando a falta de *idéas* não está no partido, porém no livro que escreveu o autor das *Idéas de Moço*, que recorre ao estylo pedantesco, para formar as quarenta paginas que deviam arrecadar o nosso dinheiro na publicação de verdadeiras parvoçadas.

O Club Constitucional tem por principio o *quod principi placuit legis habet vigorem*, diz

ainda Silva Jardim, e note-se que isso foi dito em referencia ao partido *Constitucional*. Decididamente naquelle tempo o futuro critico desconhecia o que era o partido Constitucional, quaes os seus principios e bazes, mas não ignorava o latim para traduzir cinco palavras e devia conhecer, ao menos por simples bom senso que o principio citado é do governo absoluto !

Si hoje Silva Jardim dissesse semelhante acervo de asneiras tomavamos sobre nós toda responsabilidade e davamos-lhe palmatoadas !

E porque não ?

Hoje parece-nos que Silva Jardim não diria tal barbaridade, porque felizmente confiamos na justiça da commissão que julgou-o no 2º anno.

O ridiculo, arma dos espiritos futeis, brinca-lhe na penna, quando falta-lhe o argumento, assim como já vimos que a demasia nas palavras substitue a idéa.

Fallando do jornalismo academico faz de Leão Bourroul um antigo calouro, apupa-o com rizo de garoto, solta-lhe a pilheria do

seculo—« *ar batinal e fradesco* », para depois confessar, talvez pezaroso, o merito do distincto jornalista catholico.

Lamente Leão Bourroul o ridiculo de Silva Jardim, lamente o tempo que perde este moço escrevinhando asneiras, lamente tudo isso, porque Silva Jardim lamentou o tempo que tão bem emprega o catholico sincero na defesa de tão justa causa.

Theophilo Dias, o successor legitimo de Gonçalves Dias, o cantor das mattas americanas, o poeta na geração presente que maior confiança nos inspira pouco mais mereceu além de uma transcrição.

Raymundo Corrêa, outro poeta distincto, mereceu muito menos e para completar a velocidade da noticia sobre os poetas academicos formou uma duzia e riu-se depois do novo modelo de critica, onde não se justifica a proposição e onde tudo é superficial como a illustração do improvisado Luciano Cordeiro.

Valentim Magalhães foi de certo o mais feliz: teve a sua critica adocicada, como si fôsse uma vontade má de noivos.

Podéra. Foi entre amigos.

Não quiz deixar cair da penna o ponto final sem mentir, ainda mais uma vez, dizendo que Souza Fernandes foi apupado, quando toda a Faculdade de S. Paulo contrariava esse boato, lançado em publico sem reboço.

Ainda foi além e disse que o discurso não era obra de Souza Fernandes. Isso dizia Silva Jardim, porque « *Vox populi, vox Dei* », principio talvez falso porque as *más linguas* também dizem que certo artigo de synonymos firmado com o nome de Silva Jardim no *Labaro* era de Silva Tullio.

Como ambos são Silvas, podem usar dos mesmos artigos, e parece-nos que do mesmo nome, e d'ora em diante tratál-o-emos pelo nome commum de Silva.

Não affirmamos o boato... mas — *Vox populi, vox Dei*.

*
* * *

Agora algumas linhas sobre grammatica.

Antes de tudo é mister que Silva conheça que a grammatica portugueza manda que o

sujeito concorde com o verbo em numero e pessoa, isso para não dizer em um livro de critica :

« *Apupaveis o teu proprio bom senso...*

« *Lanças-me as bavas de tuas surriadas tambem !* »

Analyse o modo porque escreve L. Cordeiro e não use de phrases curtas por demais, separando attributos das substancias.

Os possessivos determinam as relações de substancia representadas pelo substantivo, da mesma fórma que os articulares e, no entanto, Silva desconhecendo o que firmou o philologo dos idiomas neo-latinos diz : « Os dois ex-redactores da *Republica* faltaram á sua missão. »

Não sabe Silva que a germinação do artigo com a preposição não se dá quando segue um possessivo ? Não sabe ainda que nas demais linguas neo-latinas se dá o mesmo ?

Podemos dizer em franzez : *le mon chapeau ?* Certamente que não, pois aqui não dominam razões especiaes e de uso dogmatico, classico

e sem razão philosophica, porque tanto o artigo como o possessivo referem-se a extensão e a relação do substantivo, portanto redundantes em uma só phrase.

Umaz vezes escreve *fazer* acertando e outras—*alma bem faseja!* Silva ignora que o —c— latino, como em *lucerna*, *luzerna*, se transforma em—z—. (1)

Querendo imitar a linguagem classica escolhe o que nella ha de peor e diz-nos :

« Propaga com um furor e enthusiasmo dignos de encomios, suas doutrinas. »

Diz da mesma forma um autor :

« Dá-nos, Senhor, aquella a qual o mundo não póde dar, a paz. »

« Propaga com *um* furor » é verdadeiro neologismo syntaxico.

Si fôsse Silva propagava porém com *quatro* furores.

Com o verbo cair, ainda erra o autor da *Gente do Mosteiro*, quando diz : « *Cahir* é criminoso. »

(1) Leoni—Genio da lingua portugueza.

Cair vem do *cadere* latino, dá-se a queda do—d—e o—e—transformando-se em—i—forma—caire—, isto é—cair.

Estas observações não vão para encher papel e formar paginas, mas por sabermos que em tempos mais felizes e de melhores esperanças Silva foi professor de portuguez no externato Jasper, notando-se que a scena passou-se na capital do Imperio.

*
* * *

Silva apregõa a liberdade de cultos e censura as crenças de Borroul e as idéas do *Circulo Catholico*, pede a liberdade de pensamento e procura abater o credito de seus collegas nas «Filagranas» da *Tribuna Liberal*, com verdadeiros pasquins, porque receberam mal e muito mal a *Gente do Mosteiro*.

Ai do que ouzasse tocar n'aquelle livro—a nova arca, porque seria fulminado, seria então o novo Oza!

*
* * *

Como ultima observação não deixaremos

de apontar a impropriedade do titulo que escolheu para seu livro denominando-o—*Gente do Mosteiro*.

A casa onde funciona a Faculdade de Direito de S. Paulo foi de propriedade dos frades capuchinhos da ordem de S. Francisco e portanto é convento e não mosteiro. Os Mosteiros são de ordens que tiveram origem no occidente como os monges de S. Bento que hoje estão estabelecidos entre nós e lá se formaram.

Ahi vae uma maxima do Marquez de Maricá que bem pode applicar-se a Silva :

« O insignificante presume dar-se importancia maldizendo de tudo e de todos. »

* * *

Já vamos muito longe com a *Gente do Mosteiro* e cousas mais serias e de maior importancia chamam a nossa attenção.

Brazil Silvado já nos bate a porta com os seus *Pequenos Ensaio*s e é preciso ouvi-lo.

Portanto... ponto final.

PEQUENOS ENSAIOS.--BRAZIL SILVADO

Eis ahi um folheto de quarenta e oito paginas que nos merece bastante conceito.

Pequeno e modesto até no titulo o livro de Brazil Silvado talvez seja a melhor apresentação que de seu talento possa fazer um moço independente, que consolida o estudo ao talento.

Durante o seu primeiro anno academico Brazil Silvado passou quasi que desconhecido.

Como elle ha em S. Paulo intelligencias vigorosas, bonitas cabeças dignas de fino delineado que por falta de energia propria passam pela Faculdade sem que os conheçam.

De passagem permitta-se que n'este recanto fique o nome de João Baptista da Silveira, estudante do 5º anno. Quizeramos transcrever aqui alguma producção poetica de sua lavra, porém traçado está o nosso itinerario, é mister seguil-o. Resta-nos a satisfação de apresentar ao leitor esse talento academico, onde reina imaginação viva e sempre creadora na pintura de scenas brazileiras, de quadros da natureza americana.

No começo do 2º anno do curso Brazil Silvado reunio seus versos, pedio a Affonso Celso Junior que o levasse ao publico para de envolta com a critica receber a sagração das mãos da mocidade academica, sempre severa em seu modo de julgar.

Ahi fica traçada em duas linhas a vida academica d'esse esperançoso mancebo.

*
* * *

« O caracter do povo pinta-se, molda-se e representa-se nos productos d'arte, no desenvolvimento das lettras, » de sorte que pelo clutivo e progresso intellectual podemos jul-

gar da indole, das tendencias e tradições peculiares do povo. Essa lei é constante e segue a evolução historica dos factos.

Pois bem. Na antiguidade Virgilio orna seu immortal poema com os deuses do paganism, eram elles o objecto de sua crença, a mythologia dominava; na idade média o espirito guerreiro faz-se sentir na poesia enquanto as chronicas narram como grandes successos combates sanguinolentos; nos tempos porém que passam o espirito reformador do seculo apresenta-se com tendencias novas e vai lançando atrás as velhas usanças.

Se na geração que passa desde 1789 e que fórma a ultima epocha da historia da humanidade o poeta invocasse um Jupiter, um Neptuno, ou um Marte forçosamente tiraria da obra o character proprio da epocha, enovelaria os characteres dos tempos e dos povos e d'ahi o erro.

E' por essa razão que o Sr. Visconde de Castilho (1) justamente censura Luiz de Ca-

(*) Prologo de D. Jayme, poema de Thomaz Ribeiro.

mões pela mistura que nos Luziadas faz da mythologia com o Christianismo. Não é sómente nas lettras que fica estampado o character da epoca, a physionomia do povo; vai além, chega até a arte.

As artes marcham a par das lettras.

As estatuas dos templos do paganismo, as Sphinges dos porticos sagrados outra couza não eram senão massas de granito sem expressão, com posições quietas onde a mudez se representava,—eis a antiguidade.

As montanhas de pedra que formam as cathedraes gothicas que pela Allemanha e em outros paizes da Europa se espalham indicam o espirito de segurança e de ataque continuo de guerra e de lucta infrene, indicam finalmente o espirito fortificador que se agitava dentro d'aquellas ferreas armaduras, e eis a idade media.

Hoje não é assim. O paganismo desfez-se com as sublimes verdades do christianismo, a força da espada foi substituida pela energica couraça da palavra nas luctas do pensamento, e a arte segue o caminhar dos tempos.

A estatua de hoje tem expressão de vida, tem posição eloquente, parece conhecer e sentir, mover-se e muitas vezes fallar pela propria posição aquillo que representa. (1)

* * *

Não são lançadas ao accaso estas palavras, como também não são os fortes e rigidos exemplos.

Cada epocha portanto tem o seu principio caracteristico, cada povo o seu espirito nacional.

D'esta sorte é mister não transplantar para os nossos dias instituições, muitas vezes ridiculas, de seculos que passaram.

* * *

E' esse o escolho de que Brazil Silvado não se poude desviar.

Nas luctas que modernamente agitam o espirito litterario na Europa entre o lyrismo e realismo encontram-se de ambos os lados par-

(1) N'este ponto pensamos com Villemain—*Litteratura eu moyen age.*

tidarios destemidos, audazes, armados de talento robusto, disputando cada um a supremacia de sua cauza.

Brazil Silvado não pugna de um, nem de outro lado, veste-se a classico, não entra portanto em combate.

A escola classica dominou a litteratura, cresceu consideravelmente, engrandeceu a Arcadia e com os ultimos arcades findou-se para não mais erguer-se. Essa marcha era natural, porque a depuração da theoria estava feita, e nada mais restava senão retirar-se.

Cantar nos tempos hodiernos as graças de Cupido, a belleza de Venus, as iras de Jupiter, invocar a sabedoria representada em Minerva para um feliz tentamen litterario era tornar-se fastidioso, anachronico e talvez ridiculo.

Dotado de conhecimentos solidos, de verdadeira erudição historica encheu Brazil Silvado seu livro de versos com as estatuas do paganismo, em cada poesia cantou um facto historico, invocou sua *querida musa*, e de momento á momento torna-se sympathico, porque prova em verso solto, ou rythmado

que dispõe de não vulgar illustração para sua idade.

Quem conhecer embora ao longe a monotonia e subjectivismo dos arcades a vista da energia dos alexandrinos de hoje, conclue forçosamente que o nosso poeta é arcade e dos que seguiam moldes gregos e latinos.

A primeira poesia de seu livro, que denomina-se *Invocação*, e que sem duvida é recommendavel, parece escripta no tempo de Augusto e sob impressão da Eneida de Virgilio.

A par de muita erudição e gosto litterario que nos apresenta o poeta notamos defeitos na metrificacão, ponto em que discordamos do juizo de Affonso Celso Junior.

Brazil Silvado não metrifica bem especialmente no alexandrino, pela má divisão por meio da cezura, prejudicando ora a primeira, ora a segunda parte do verso.

Assim por exemplo as paginas 8, na poesia *Antistius Labeo e ateius Capito* :

« E o dedo avelludado que possue Augusto
 « Em vez de amor a elle sō causava susto

.

« Assim é que, por vezes, cahe e se despenha
 « O genio que de Judas imitou a senha

e alem de outras na mesma poesia, mais este :

« O' vós mortaes, que os Cezares iusultão
 « Lembrai-vos deste exemplo que os seculos sepultam.

Ainda nas *Vozes de minha alma* :

« Ah ! Como não descrer ? Se a vida é um tormento
 « O dom peor que recebi de Deus
 « *Que eu não pedi que ao nada me arrancasse e fosse.*

e logo depois

« Os prantos do rocio eu mendiguei de pobre,
 « *As sombras deu-me a noite no seu manto tetrico.*

e ainda

« *Embora seja aquella que só tem a inercia.*
 « *Me perco da desgraça nos parceiros medonhos.*
 « E foge-me a razão, á enlouquecer n'um brado
 « *Que o gelo da razão sóe trazer comsigo.*

Nas citadas poesias e em outras encontram-se versos frouxos, sem a indispensavel cadencia, ora com pés de mais, ora de menos, especialmente nas poesias *Antistins*, *Vozes de minha alma*, *Eu e o meu espelho*, *Turba vatum*, e outros defeitos que o autor dos *Pequenos Ensaio*s graças ao seu estudo e intelligencia supprirá facilmente, medindo com

mais cuidado seu verso, para que não fique aberta a brecha por onde possa entrar o lapis de quem com nós, esmerilha o bom e o máo. O que sentimos encontrar em Brazil Silvado é a falta de côres e pinturas americanas. A nossa censura é bem razoavel, quando encontramos, nos *Pequenos Ensaios* de um moço brasileiro, descripções de Roma, pinturas antigas e sujas de pó, como velhos bastidores de theatro e logares, onde considera-se

« Coroadas das neves dos montes Alpinos.

quando tem em sua propria casa os mais ricos quadros d'esta natureza intértropical que vive em primavera eterna. Recorrer ao estrangeiro, pobre muitas vezes de tintas, quando temol-as vivas e delicadas, desde o azul-claro do ceu, ao tapete verde-escuro das montanhas d'onde caem enormes cascatas, pintando ao longe extensas fitas de prata; cantar os Alpes quando temos os Andes é falta de amor a rica terra em que felizmente nascemos. Igual censura póde fazer-se a

Brazil Silvado por escrever poesias em francez, quando a nossa lingua carece de quem a estude e aproveite as suas bellezas.

Além d'isso a poesia em francez que Brazil Silvado publicou tem erros graves de metrificacão e grammatica.

Em compensacão á estes senões que sempre encontra-se no novo escriptor Brazil Silvado tem boas producções, em cujo numero contam-se: *Adeus, Vozes de minha alma, Avestruz, etc.*

E em outras encontram-se figuras bem interessantes, como :

« Se por um consulado se comprava um sabio
« Sarcastico sorriso arregaca o labio. »

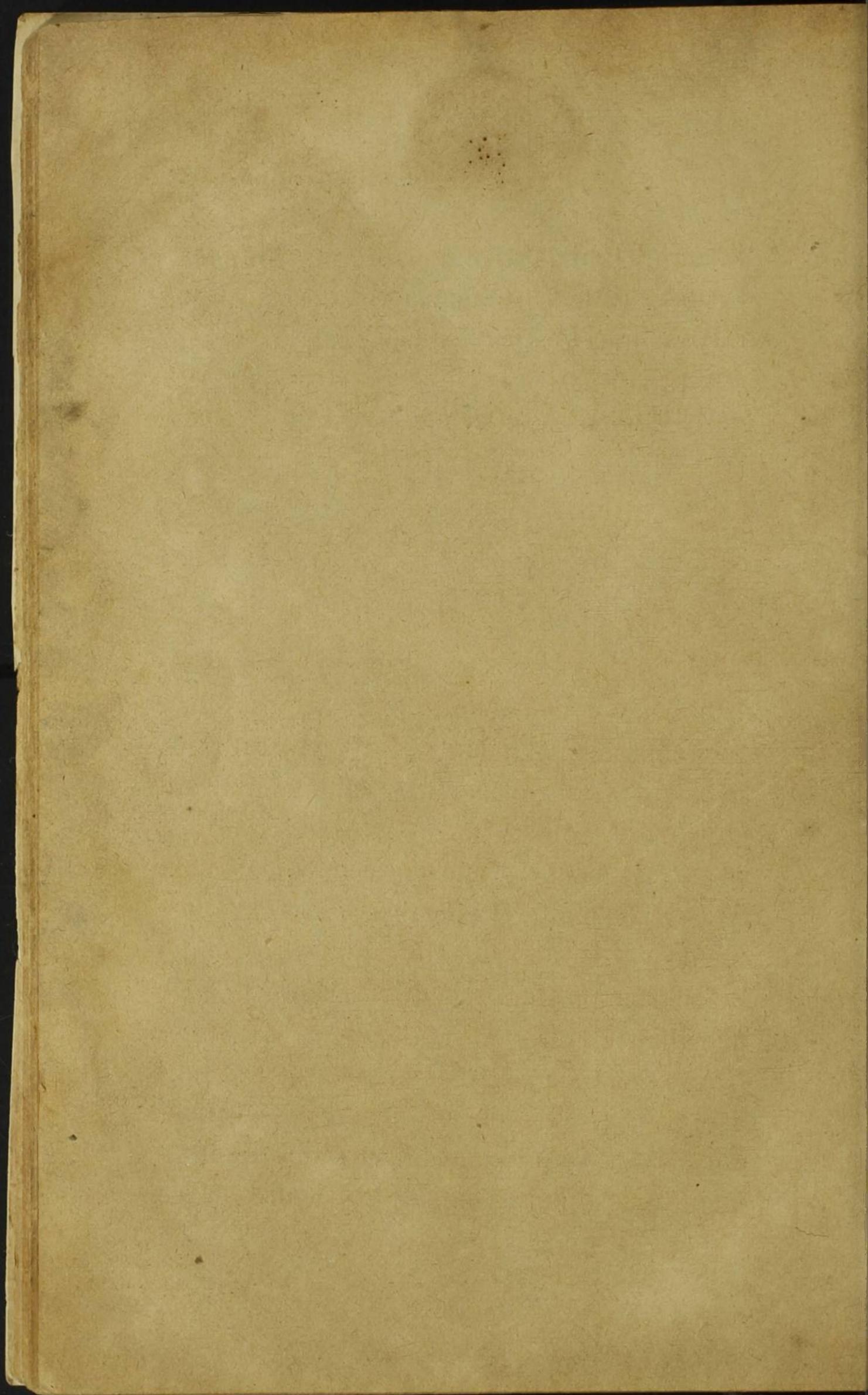
* * *

Em conclusão Brazil Silvado é moço de muitas esperanças e será poeta de merito : 1º, se abandonar o rigorismo classico de que veste suas producções : 2º, si tornar-se poeta americano, deixando as ossadas da gente da Mythologia ; 3º, si tomar em consideracão a

lingua que falla e abandonar o verso francez ;
4º, finalmente se estudar a versificação.

Para uma estrêa pouco mais se pôde
exigir.

Nós o saudamos.



?-(drama.) TELAS SONANTES.—AFFONSO
CELSO JUNIOR

De todos os ramos de litteratura na Faculdade de S. Paulo talvez seja a poesia o unico que tenha merecido cultivo. Os muitos livros de versos que os Academicos sempre publicam provam de sobejo nossas palavras e d'ahi vê-se facilmente o constante movimento da lyra academica. O romance passa despercebido e o mesmo succede ao theatro que no Brazil não passa de muita esperança e de pouca realidade.

Na escola do romance brasileiro, seu fundador—José de Alencar—não teve continuador. Não concluiremos affirmando absolutamente que a nova geração não tenha em seu

seio quem cultive o romance da nova escola, porque talvez occulte seus ensaios para dar depois vôo mais certo. Parece-nos, porem, demasiada modestia para esta terra, onde os sabios abundam pelas ruas, discutindo e sustentando inconscientemente a *quêda do rei e a morte dos frades*. Até hoje ignoramos quem mesmo ao longe possa seguir o americanismo que em si encerra o famoso *Guarany*.

Antes da revolução litteraria de 1830 as letras patrias conservavam-se dependentes da litteratura portugueza e tão ligadas se achavam que outra cousa não eram além de forçado reflexo. No dominio da Arcadia o theatro portuguez segue a principio Racine e depois Voltaire. Almeida Garret, representando em Portugal as idéas revolucionarias que davam novo character ás letras nos paizes cultos, occupa em Portugal o mesmo lugar que occuparam em França Stael e Chateaubriand e depois Lamartine, Victor Hugo e outros. Banio-se então de uma vez as fórmulas sempre convencionaes da litteratura classica.

As comedias portuguezas anteriores a Garret

e as hespanholas que formavam as delicias da Colonia embotaram por tal fórma o espirito brasileiro que o gosto pela litteratura dramatica desapareceu. Actualmente deve ser nosso maior empenho a pesquisa de meios para incutir no talento que entre nós desponta, as vantagens do estabelecimento de um theatro todo nosso. Para isso não falta, ao brasileiro, talento, assumpto e quadros sempre novos.

O espirito francez que infelizmente tudo domina no Brazil, invadio a scena, e o dito agudo, despertando o frouxo gargalhar do povo, adormeceu a intelligencia creadora. Os applausos eram para os *calembourgs* e trocadilhos immoraes, emquanto era desprezado o verdadeiro drama cheio de pinturas delicadas e cores animadas da fertil natureza que nos abraça.

Talvez fosse peor a nossa posição si Gonçalves Magalhães (1) não tomasse a iniciativa da fundação do theatro brasileiro, tornando-se

(1) Visconde de Araguaya.

em seu paiz o que foi Almeida Garret no Reino de Portugal. Além de Gonçalves Magalhães poucos brasileiros têm lançado suas vistas para o theatro, cuidando com estudo serio e consciencioso nas vastas concepções e na belleza da litteratura dramatica.

Porto Alegre, Penna, Pinheiro Guimarães, Gonçalves Dias, Macedo e Alencar são os poucos homens que têm escripto para o palco.

Tão pouco cultivado tem no Brazil o theatro que o apparecimento de um drama importa em extraordinario successo litterario para onde ávidos dirigem-se os olhares d'aquelles á quem o movimento das lettras patrias não passa desconhecido.

* * *

Depois do drama *Parisina* de Carvalho Junior que hoje corre impressa e que é cuidadosamente guardado em nossas estantes não appareceu outro drama na Faculdade de S. Paulo até a quadra que atravessamos.

Em 1879 correu pelos circulos academicos

a noticia de que Affonso Celso Junior brevemente iria percorrer novo mundo de litteratura, um dos poucos por onde não andara até então—o theatro.

Os jornaes annunciaram a proxima representação do drama—?—cujo titulo é bastante original e arranjado á capricho.

Quizeramos fazer um resumo do drama, mas não o lemos e alguns episodios estão como que esquecidos á vista do tempo que tem decorrido e da falta do—?—que seu auctor conserva em manuscripto.

Comtudo transcreveremos aqui o resumo feito pela *Evolução* dias depois da representação do drama.

Ouçamol-o e prosigamos depois na ligeira apreciação do que ouvimos entre calorosos applausos no theatro S. José.

« Um rapaz nascido e creado no Rio de Janeiro (isto dispensa mais commentarios)—Fernando—casa com uma bella menina, filha da provincia, porém educada n'um internato do Rio (e isto tambem dispensa explicações)—Clotilde—, Fernando, que era rico, *extra-*

vagante e vadio, sem embargo do casamento, continúa sua vida devassa. Origina-se d'ahi uma perpetua lucta domestica, com todos os seus escandalos. Entretanto, nos saráus e reuniões familiares, o casal affecta perfeita cordialidade, para romper depois, no isolamento do lar, em novas discordias. »

« Pelo fim do primeiro acto (o drama consta de 3) apparece vindo visitar os filhos, o velho pai de Clotilde, João Soares, mattuto que nunca vio a cidade, e, pela sua grosseiria, provoca algumas risadas n'uma *fiã* sociedade que se achava em casa de Fernando, brincando a *berlinda*. Sylvio, rapaz rico e *da moda*, prevalece-se da discordia que reina em casa de Fernando, para seduzir-lhe a mulher, que afinal cede, para tomar *desforra* do marido, que escandalosamente alimentava relações illicitas com uma certa Eva e, provavelmente, com muitas outras. Devia Clotilde, para começar a vingança, acompanhar o amante a um *baile campestre*, dos muitos que se dão no Jardim Botânico e aonde sómente vai gente muito duvidosa. Arrepende-

se, porém, na occasião de consumir o crime ; mas Fernando, que ainda a apanha vestida, finge-se irritado ; e, de combinação com Sylvio, a accusa rudemente, e quer até *matal-a*, pois que tem por si—*a lei*. João Soares, o pai, que não podia dormir com os mosquitos e com o calor, presencea, occulto, toda scena, passada á meia noite. Depois que Fernando retira-se, elle obriga Sylvio, com a logica da sua bengala, a assignar uma carta, por si mesmo datada, e na qual fica resalvada a honra da filha. Esta obtem carta semelhante de Fernando e dispõe-se a partir com o velho para a roça, separando-se do marido. Faz algumas exclamações patheticas, ás quaes responde João Soares, no mesmo tom, e n'isto partem ambos. e assim acaba o drama,

« Tudo isto se passa n'umas seis ou oito horas, no mesmo lugar, na mesma sala. »

*
* *

Affonso Celso Junior estreou filiando-se a escola realista e mais feliz que muitos outros

apresentou-se com alguns defeitos não só desculpaveis, mas naturaes em quem começa, e que embora siga bons modelos, tem contudo de tactear a principio.

Na pintura dos typos Affonso Celso Junior umas vezes não lhes deu o colorido necessario para firmar distinctamente as feições, outras carregou o pincel por tal fórma que desfigurou o delicado do desenho.

E' assim que Clotilde seria um typo sem qualificação si não percebessemos a idéa que presidio a formação d'essa figura, isto é, o de uma moça caprichosa pela falta de educação moral.

Fernando e Sylvio estão mais ou menos pintados com exactidão e o que talvez n'elles parece impossivel é muito realizavel para quem conhece o cynismo de que não raras vezes se revestem certos homens ricos e devassos que orgulham-se de uma alma prostituida nas mais horriveis concepções e nos mais torpes actos da vida.

João Soares é em nosso entender o ponto negro da nova producção dramatica.

O estado de selvageria em que appresenta-se em casa de sua filha o fazendeiro de Minas parece incompativel com o muito tempo que gasta elle a dar noticias de casa á civilisada sociedade que o cercava.

Julgamos que o homem com a physionomia de João Soares procuraria o lugar mais retirado da casa, onde descalçasse as suas apertadas botas e despisse a pala de viagem.

A maneira por que João Soares dicta a carta ao nosso vêr é o maior defeito do—?—. Soares, homem grosseiro, de expressão baixa e rude, dicta a Sylvio uma carta para salvar a honra de Clotilde, onde a phrase sempre adornada de Affonso Celso Junior torna-se impropria por demais, como uma lingua de ouro em bocca de ferro.

O monologo que no drama exprime o discurso veloz e intimo do pensamento em muitos pontos é demorado e em um dos de Clotilde entra em scena João Soares respondendo ao que pela regra dramatica julga-se passar mentalmente.

Na descripção de Virginia, Affonso Celso

Junior andou perfeitamente bem, delineando um dos typos mais frequentes nas sociedades em que vivemos, isto é — o da moça namorada, em linguagem vulgar.

O fim do drama pareceu-nos sem a expressão devida e necessaria, o que podemos attribuir a Guilherme da Silveira e Ismenia que nada fizeram para feliz execução do — ?

O pensamento de Affonso Celso Junior é excellente e melhor successo teria si não fosse tomado para assumpto de um drama—estréa.

Os senões que aqui ficam notados nada provam alem de que—o passo de Affonso Celso Junior não foi certo como não são tambem o dos melhores dramaturgos e para exemplo—Victorien Sardou.

No autor do ? encontramos um talento notavel e talvez a mais variada intelligencia da Faculdade de S. Paulo. Se na poesia o successor de Gonçalves Dias não lhe cede o logar comtudo Affonso Celso Junior é bom poeta. Se entre nós na Faculdade de S. Paulo ha bons oradores Affonso Celso na tribuna propriamente academica é dos melhores, es-

pecialmente nos arroubos de imaginação, finalmente no proprio jornalismo já teve fertil recolta de louros.

Eis ahi a opinião sempre leal e moderada, como foi a nossa promessa.

* * *

Saudações sinceras merece este moço que veio despertar a mocidade academica de S. Paulo que passava adormecida pelo ramo de litteratura mais cultivado pelas gerações que passaram.

* * *

Alem do — ? — deu-nos Affonso Celso Junior um excellente volume de poesias intitulado « *Telas sonantes.* »

Affonso Celso Junior é autor dos « *Devaneios* », já tem firmado o seu credito de poeta e ninguem mais tentará roubar-lhe o nome adquerido nas luctas da intelligencia, Como poeta ainda filiou-se a escola realista, mas na descripção d'esses quadros despídos de phantasia encontra-se um realismo deli-

cado, sempre variavel e por isso mesmo attrahente. Não adormece a intelligencia de quem lê seus versos, apregoando a *idéa nova* de todos os dias, *a decapitação do ultimo rei e o sangue do ultimo frade*. Não, Affonso Celso Junior, colloca-sé em frente a natureza, copia com a observação os nossos usos e habitos, pinta-os e, com a belleza do dezenho, desperta em nós o gosto pela escola* que segue.

Affonso Celso Junior é o mesmo homem de annos já passados, mas não é o mesmo poeta. Nos « *Devaneios* » era lyrico, vivia « No dourado paiz dos Devaneios » hoje porem é realista, descreve quadros sociaes e já trocou as illusões que o embalaram outr'ora por outra amante a quem elle dedica estes versos :

.
 « Sonho a gloria de os pés ungir-te com poemas
 « O' tu que és minha mãe e minha amante, ó PATRIA.

Essa mudança de escola quasi que nos estava promettida no prologo dos « *Devaneios*. » Ahi diz o poeta que abraça o *lyrismo*, porque a natureza o aconselhou e porque não se achava

com aprumo bastante para tentar a senda difficil do socialismo, etc. etc.

Essa marcha era natural porque aos dezeseite annos vive-se de illusões, sujeitando-se tudo ao capricho da idade e a volubildade do sentimento. Hoje porem, desfizeram-se em chuva de verdadeiro realismo as nuvens dos « *Devaneios.* »

* * *

A transição de uma escola para outra completamente opposta é sempre difficil, pois o poeta tem de modificar o estro desde o pensamento até a forma e o verso necessariamente decáe, embora para levantar-se cheio de alento.

Na transição Affonso Celso Junior foi rapido e feliz. As « *Telas sonantes* » como estréa realista nada deixam a dezejar, como segundo estado de intelligencia de um poeta estão acima de toda espectativa. Na Faculdade de S. Paulo actualmente Affonso Celso Junior é um dos poucos poetas realistas, porque sabe-se conter em certa esphera, não

eleva-se muito para observar com mais cuidado, nem abaixa-se de mais para não vêr tão proximo cousas que desfeiam o verso, maculam a lyra do poeta que deve ser honesta, e lembram cousas asquerosas de que a poesia certamente não se pode occupar.

Quem tiver lido os « *Preludios* » depois os « *Devaneios* » e por ultimo as « *Telas sonantes* » verá que o poeta melhora consideravelmente.

A primeira poesia das « *Telas sonantes* » é a nosso vêr a melhor da collecção. Mas pela melhor, pode-se vêr que as poesias de menos valor, primam senão pelo pensamento ao menos pela delicadeza da linguagem.

A « *Flauta* » para nós é uma poesia de verdadeiro meritó litterario e si houvesse espaço n'estas poucas paginas haviamos de transcrevel-a.

Affonso Celso Junior escolhe quasi sempre para assumpto de suas poesias pensamentos moraes que despertam em nós sympathia por quadros realistas.

Não julgue-se que os « *Successores de Menelau* » vêm desmentir as nossas palayras.

Não, si nas « *Telas sonantes* » ha producções d'essa ordem são naturaes, porque um moço aos 20 annos tem sempre certos rasgos que o seduzem e que involuntariamente podem offender algum espirito serio e grave.

As poesias *Esboço*, *Scena vulgar*, *Dôr infantil*, *Felicidade*, etc., têm no fundo pensamentos que commovem o leitor ; aqui é uma mulher que abala-se á vista da representação de um « drama imaginario » e que

« Soube reter o pranto
« Perante o drama vivo..... »

de um velho seu creado que perdera o filho e que della esperava permissão para acompanhal-o nos ultimos momentos e Affonso Celso Junior termina á poesia dizendo

— « Que podia ir velar ao filho extremo somno,
Mas que fôsse primeiro a mesa pôr a ceia. »

ali a mãe que sente o corpo do filho regelar-se com a morte.

A *Filha da paz* colloca-nos em duvida para saber si a *Flauta* será verdadeiramente a melhor producção contida no volume como

já dissemos, ou se pelo contrario terá ella preferencia. E' uma composição de mestre e puramente socialista.

A *joia* é outra bonita producção de Affonso Celso Junior. Descreve o poeta um quadro simples e primoroso : E' uma pobre mulher que seguida pelo filho ainda creança, observa uma vitrine que

.....
 « Era o sonhar em prata, em ouro, em phantasia,
 « Chimeras de coral, caprichos de rubim,
 « Scismares de esmeralda e perolas ; emfim
 « Um mimo tentador, uma visão tirada
 « De um conto oriental. . . »

A creança depois de admirar a bellesa e o esmalte das joias pede uma. Ahi vai o dialogo entre o menino e a mãe, e o leitor julgue por si a primorosa composição :

..... « Mamã, vou lhe pedir
 « Um immenso favor. . . » — A mãe pôz-se a sorrir
 « E — dize — respondeu. — Mas faz ? replicou elle
 — « Faço — Faz mesmo ? — Sim. . . — « Pois bem não
 vê aquelle
 « Formoso camapheu que ali fulgindo está ?
 — « Pois quero-o muito. . . e muito. . . e quem pro-
 mette, dá
 « Por isto. . . » Mas a mãe interrompeu-lhe a phrase,
 « Fitou-lhe o trajo roto e, soluçando quasi,

« Aquelle não, tornou, mas outro que também
« E' lindo e vale mais... » — Qual é? Ora ahí tem:
« E assentou-lhe na testa um prolongado beijo !...

III

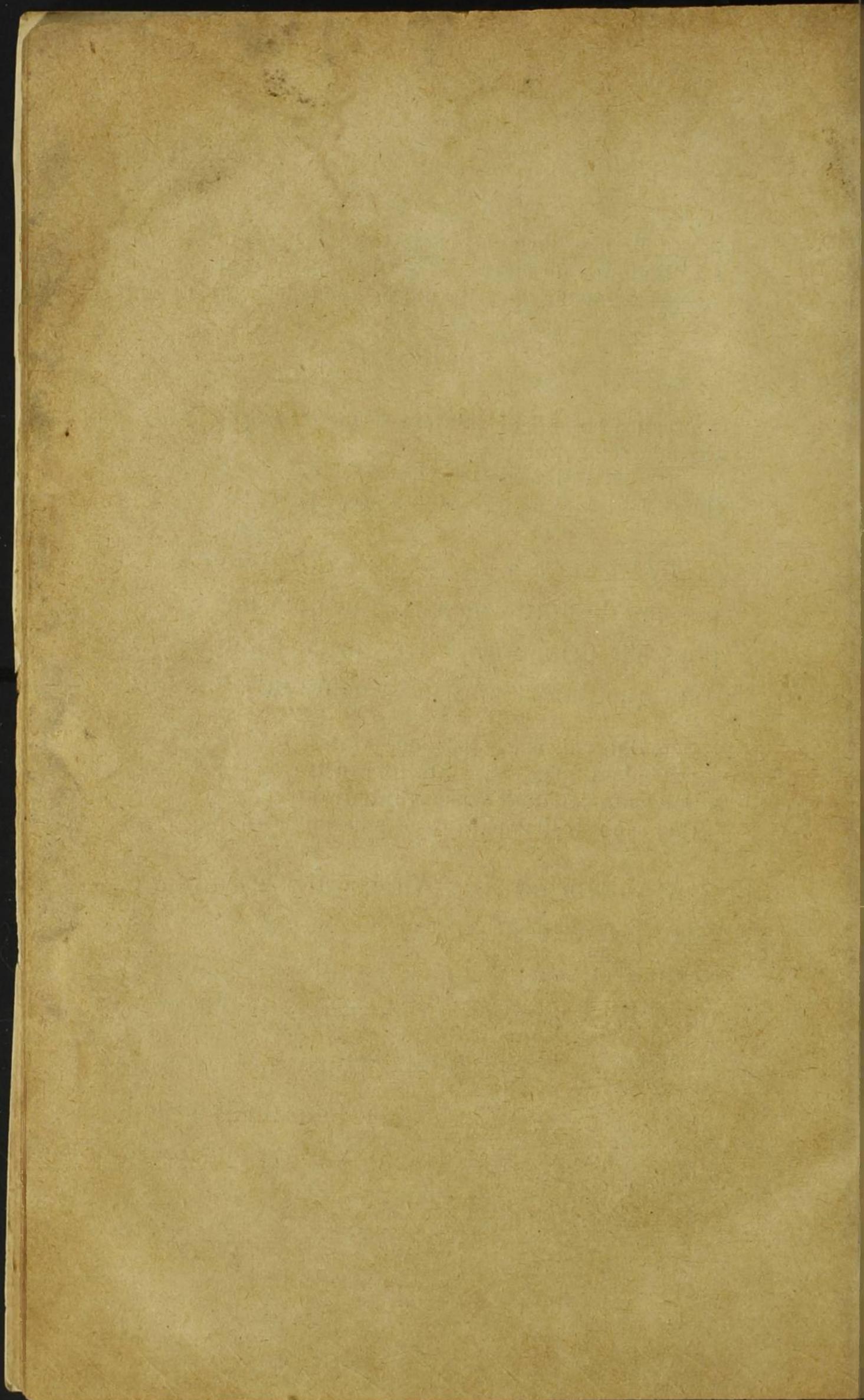
A creança entendeu... Sumiu-se-lhe o desejo
E rindo retorquiui :

— « Si assim tão rica está
Quero mais um collar e um adereço já. » !!

A Officina e a Terra dos vulcões são outras poesias de muito merito. Em uma das estrophes da primeira, entre muitas figuras, ha uma que parece-nos nova e de muito effeito :

« O malho vai, em golpes incessantes,
« Batendo a dura chapa até que lustre-a :
« Solta um collar de chispas fulgurantes
« Que são estrellas para os céos da industria. »

A versificação de Affonso Celso Junior é boa, notando-se poucas vezes um ou outro verso frouxo. As imagens affluem com frequencia e ornám a proposito as bellas produções do jovem academico.



PAGINAS ACADEMICAS: -- MONTEIRO
PEIXOTO

Os jornaes academicos resentem-se da falta de bons folhetins que lhes encham o rodapé de maneira satisfatoria.

Geralmente o bom jornalista não escreve bons folhetins. O espirito do homem que dá-se ás luctas da imprensa vive sempre entregue a questões graves e de interesses sociaes. O folhetinista é o opposto; precisa dizer pouco em muitas palavras, prendendo a attenção pelo estylo simples, ou com leves adornos, exprimindo um pensamento delicado. Deve agradar enquanto o jornalista convence e persuade.

Pensamos com José de Alencar que dizia ser *mais facil escrever um romance do que um bom folhetim.*

Actualmente só conhecemos na Faculdade de S. Paulo um moço que mereça as honras de folhetinista, é Monteiro Peixoto.

As « *Paginas academicas* » formam uma collecção de folhetins já publicados e de poucos outros artigos.

Incontestavelmente « *O galé* » mereceu as muitas transcripções que teve.

O estylo de Monteiro Peixoto é correcto, delicado e por isso proprio para folhetins.

* * *

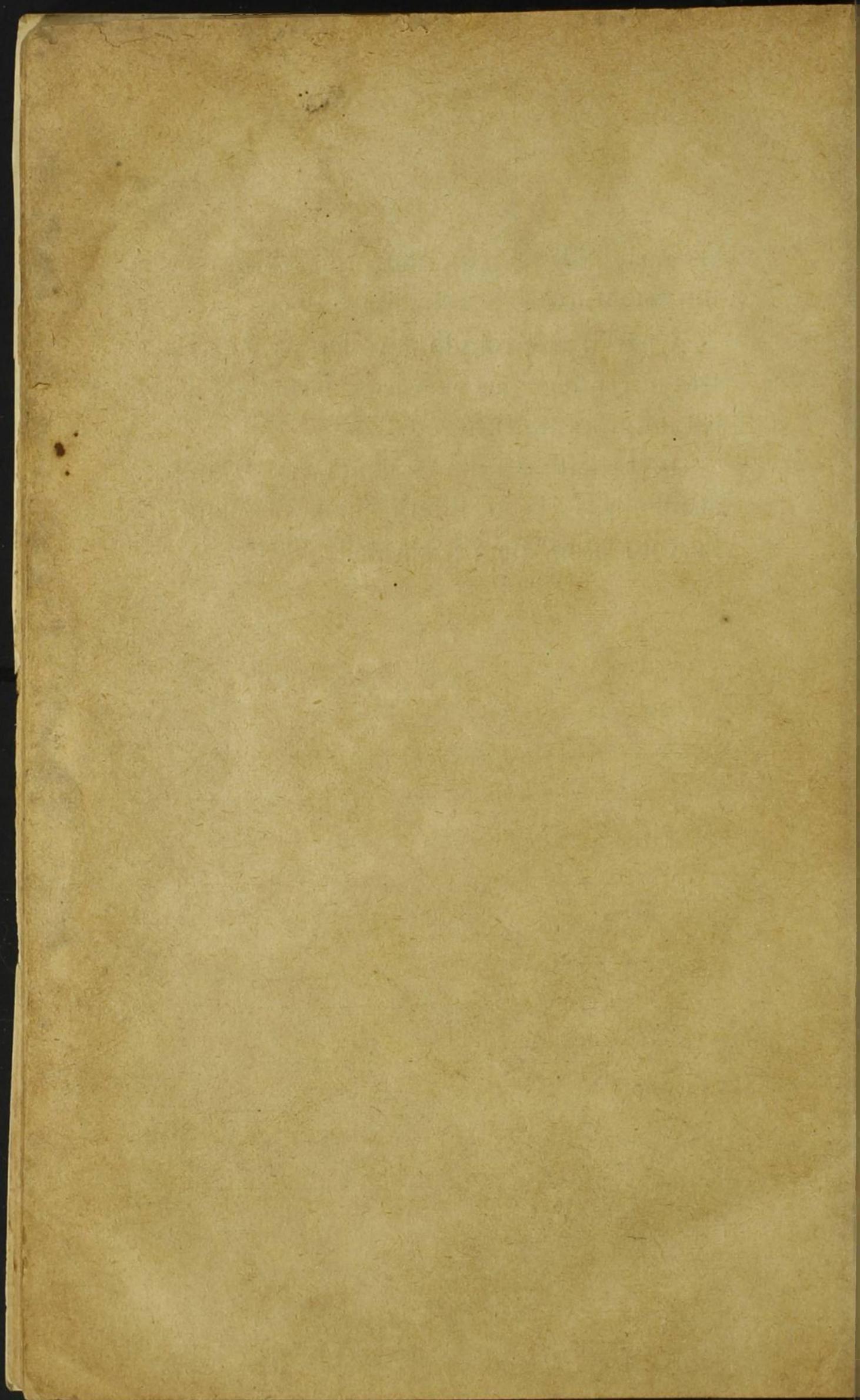
O mal que quasi sempre invade o espirito da nossa mocidade é a falta de applicação a um só ramo de litteratura, querendo percorrer mundos tão vastos com um simples lance de vista.

Si, porém, Monteiro Peixoto compenetrar-se do que é um bom folhetim, estudando a melhor forma de escrevel-o e procurando

ser original. acreditamos que tornar-se-ha um folhetinista de primeira ordem.

A par d'esse estudo deve ler os bons mestres e reconhecidos classicos, formando assim estylo propriamente seu.

Os trabalhos que formam as « Paginas academicas » e a intelligencia de Monteiro Peixoto promettem bastante.



FR. CAETANO DE MESSINA.—PIO IX

(BIOGRAPHIAS)

LEÃO BORROUL-

Estudos Politicos : EDUARDO LIMA.

O jornalismo não é o unico meio de que se serve Leão Borroul, o denodado batalhador da fé, para engrandecer as idéas catholicas e celebrar as virtudes dos sabios sustentadores d'essas idéas.

No anno de 1879 Leão Borroul biographou dois grandes homens : Fr. Caetano de Messina e Pio IX, o grande. Com a publicação da segunda biographia prometteu-nos uma serie d'esses retratos desenhados com imparcialidade critica, porque mesmo assim a virtude d'esses santos varões tornam-se como que transparentes e ninguem duvidará então de suas palavras.

O primeiro volume que traz, como diz o autor, o « simples esboço » da vida de *Fr. Caetano de Messina* está dividido em duas partes. A primeira traz minuciosa descripção do venerando capuchinho, a segunda consta de peças justificativas. Na primeira parte Leão Borroul apresenta Fr. Caetano de Messina nas provincias de Pernambuco, Rio de Janeiro e S. Paulo, que foram o maior theatro de suas verdadeiras glorias.

Que Leão Borroul é catholico dedicadissimo, que é uma das melhores pennas academicas já o dissemos, repetir seria perder tempo com aquillo que todos reconhecem.

As duas biographias estão escriptas em linguagem correcta, mas não podemos deixar de apontar, como grave defeito das mesmas, muitas e extensas citações. A palavra autorizada de um escriptor celebrado muitas vezes vem corroborar a nossa opinião, quando, porém extensa e demorada póde diminuir o merito senão da obra, ao menos do autor.

A' excepção d'esta falta que Bourroul sem o menor trabalho póde livrar-se, n'elle en-

contramos vocação por esse ramo de litteratura que deve entre nós merecer maior cuidado.

A leitura d'esses dois livros talvez tenha sido taxada muitas vezes de fastidiosa, mas para quem encara de maneira conveniente a vida dos missionarios e o adiantamento que levam por toda parte, fundando escolas, edificando templos, construindo cemiterios, convertendo os indios, pregando a excellencia do matrimonio e exterminando a vergonhosa mancebia applaude necessariamente a santidade do velho capuchinho e a dedicação do moço que vai escrever no livro do povo essas virtudes, talvez entre o riso da impiedade.

O mesmo merito tem a de Pio IX porque n'ella percebemos a missão elevadissima do Santo Padre cercado das maiores responsabilidades como chefe universal da Christandade.

Depois da leitura de tão edificantes exemplos o espirito sente-se humilhado pela falta de virtudes que o possam ajudar no conhecimento de grandes verdades, e então supplica forças para a imitação de actos tão sublimes.

Cumpre á Leão Barroul continuar tão importante trabalho para engrandecimento da bibliotheca Catholica, colleccionando documentos de subido valor que talvez tivessem de ficar esquecidos.

*
*
*

Pouco nos importa a crença de cada um desde que é sustentada com aquella convicção que sempre anima os sectarios de qualquer idéa.

Somos conservadores, retrogrados, como se diz, mas conscienciosos, respeitando as crenças alheias para que as nossas tambem o sejam. Apesar das nossas convicções avançamos mais que muito republicano maltrapilho que proclamando liberdade para tudo e todos, nega entretanto com o sarcasmo um lugar, embora modesto, *no banquete social* á irmã de caridade, ao frade lazarista.

Não ha opinião, quando as idéas não estão discutidas e acceitas.

A liberdade reconhece a diversidade de idéas, a multiplicidade de crenças. Os que

abraçam a causa *suprema* da liberdade, acceitam todo cortejo de boas, ou más conclusões. O que nega-se a semelhante verdade especula e não combate, falla levemente o que lhe dicta um cerebro enfraquecido e não a voz sincera do coração.

Eduardo Lima parece-nos não pertencer a semelhante classe.

Regeita o Art. 5º da Constituição do Imperio, pedindo portanto a liberdade de cultos—diversidade de idéas, multiplicidade de crenças—, como já dissemos.

Pensamos diversamente do autor dos *Estudos politicos*, porém não negamos palmas a quem cáe, lutando convicto de que trabalha pela verdade, nem ao soldado que defenda uma causa injusta, mas que n'ella julgue encontrar o principio immutavel do bem e d'ahi a salvação da idéa apoiada pela consciencia, embora distanciada d'aquillo que destemidamente procura.

Os *Estudos politicos* são o primeiro volume de uma serie que Eduardo Lima promete publicar.

Com estylo simples e linguagem correcta, E. Lima expõe suas doutrinas, refuta (diz) por meio de perguntas a opinião contraria e termina o livro dirigindo uma animação aos *democratas sinceros*.

Salvo uma, ou outra *chapa*, como: *um es-carneo atirado ao bom senso*, etc., o livro está bem escripto e faz de seu autor a melhor apresentação como estudante dedicado e intelligente, tanto mais quando na Faculdade de S. Paulo poucos escrevem sobre questões de Direito.

Primeiros sonhos.—RAYMUNDO CORRÊA

Cantos e luctas.—VALENTIM MAGALHÃES

Eis ahi dois meços intelligentes que pensam na mesma cousa,—a poesia,

Si ambos fossem poetas adorariam a mesma divindade, concebendo-a cada um a seu modo.

Para o primeiro seria

« Deus, o amor, a familia, »
« E a paz nas solidões onde sem mascara »
« A natureza brilha. »

Porque, diz elle :

« O mundo que eu conheço e que detesto
« Nunca me inspira, nunca!... »

para o segundo seria a deusa Liberdade, a

Idéa Nova, e outras sempre repetidas e porisso fastidiosas.

Raymundo Corrêa é bom poeta, Valentim Magalhães bom versificador; aquelle tira d'alma o que escreve, este reune os *magnéticos e escalavrados* adjectivos de Guerra Junqueiro, mede-os bem e vae passando como soldado da deusa «Liberdade» nōs campos da «Idéa Nova.»

*
* * *

Quando fallamos de Brazil Silvado estabelecemos que cada epocha tem o seu character proprio e que torna-se ridiculo muitas vezes transplantar para os nossos dias instituições de tempos passados e idéas que hoje não podem vigorar.

Esse principio, porém não vem contrariar as ultimas palavras d'este livro, regeitando a opinião que se propala de que a escola lyrica desapareceu por uma vez com o estabelecimento da escola realista.

Com a revolução litteraria de 1830 foi bandido, é verdade, o lyrisimo, mas o lyrisimo sub-

jectivo e piegas, conservando a escola romantica que então se fundou o delicado da escola lyrica, o sentimento apurado, nunca porem abatendo-se ao estado de immobildade nos versos frios e despidos de animação, fructos de excesso phantastico de um poeta idealista. N'estes ultimos tempos a escola realista tem progredido e na poesia é a dominante, assim como em politica avança a idéa republicana, e em philosophia o positivismo. Isso verifica-se facilmente e ahi fica confirmado a proposição que temos avançado por mais de uma vez. Esse movimento é natural, porque é o resultado das tendencias novas do seculo.

O que contestamos e com razão é que a escola lyrica tenha succumbido a chegada do realismo ; a propria natureza o nega. Para que semelhante facto se desse era mister que o lyrismo estivesse baseado, como o classismo em puras convenções e em entidades mythologicas. Mas isso não succede. O lyrismo repousa em pedestal de duração igual ao coração humano. Em quanto houver o sentimento,

em quanto a mocidade embalar-se nos sonhos dos dezeseite annos e os campos adornarem-se de delicadas flôres o poeta hade inebriar-se n'essas primeiras illusões da vida e a escola lyrica cantará seus versos.

Applaudimos as escolas que actualmente luctam e disputam a supremacia desde que o romantismo se contenha nas raias que lhe são marcadas, não procurando reviver o individualismo da Arcadia, e o realismo pintando a natureza tal qual ella é, não descendo as bacchanaes e não confundindo-se na orgia com a meretriz louca de sensualidade, nem com o *D. João* embriagado de paixões brutaes. Esse nunca foi o fim do romantismo e muito menos do realismo. A lyra do poeta não toca nos festins de Balthazar, nem celebra a vida dissoluta de Sardanapalo. Não, a lyra que canta a natureza em toda a sua sublimidade é santa, não se entorpece em decantar o vicio.

O que ainda hoje nos causa grave impressão e que Valentim Magalhães nos podia explicar é como a Idéa Nova que vem acabar com o lyrismo já era conhecida no tempo de

Augusto, como o provam os versos de Horacio; e como a idéa republicana é nova si ella já vigorou em Roma de Junio Bruto e na Grecia.

Applaudimos a escola realista, já o dissemos, si ella fór a copia fiel da natureza, mas esse não é o realismo em que hoje se escreve. Não, o realismo moderno está encarnado no *moralissimo*, «Primo Basilio» com que Eça de Queiroz brindou a sociedade portugueza que lê aos poucos aquellas paginas untadas com o mel da dissolução dos costumes, está no *D. João* de G. Junqueiro, cujo nariz *distilla mercurio*, tendo as sobrancelhas roidas pelas *syphiles bestial* e outros adornos que muito contribuem para a *suprema regeneração social*.

Valentim Magalhães tambem é realista moderno, porque, como elle mesmo diz, tem horror a batina do padre e é republicano rigorista que quasi morre de apoplexia por ter posto na cabeça o chapéo de um Barão como lê-se :

..... á proporção que andava,
 « Sentia que o meu craneo aos poucos se apertava,
 « Como que recebendo a rabida invasão
 « Das ancias do reptil em meio á escuridão.

..... Tantos negros, tantos,
 « Encheram-me a cabeça, ha pouco jovial,
 « Que eu que do chapéo provinha todo o mal.
 « Tirei-o *incontinenti*.

Assim já se pôde ser republicano.

Raymundo Corrêa é o opposto a Valentim Magalhães, é sentimentalista como Cazemiro de Abreu, mas ás vezes faz o leitor desconfiar da honestidade de sua lyra, quando por exemplo pede ao *seu amor* que venha ter com sigo debaixo dos cafés, ou

« *E' noite!* mostra-me ao menos (1)
 « O transparente regaço,
 « Quero cingir-te o meu braço
 « A roda d'essa cintura!

.....
 « Não temas ! desce, meu anjo,
 « N'essa cama de verdura
 « Vem deitar-te ! lá da altura
 « Nos vê a lua somente!

.....
 « Vem cá ! nós somos dois noivos ;
 « Desata essa loira trança !...

(1) O gripho é nosso.

- « Quero com beijos de fogo
- « Desmaiar no teu regaço!
- « Quero, n'um fervido abraço,
- « Morrer de amor—creatura.

Ora isso tudo reunido mostra a especie de paixões que agitava o poeta.

Valentim Magalhães é inimigo dos padres e verifica-se nas poesias *Piedade Catholica* e *A um incauto* ambas sem inspiração, e mesmo de pouco merito.

Raymundo Corrêa é poeta catholico e apresenta-se com esse caracter em uma das suas mais bellas composições—*O Propheta*, onde ve-se que o espirito do realismo moderno não murchou-lhe a santidade das crenças.

Os *Primeiros sonhos* honram uma estrêa, já pela rima rigorosa e cadencia no verso já pela variedade na phraseologia sempre correctã, já pela metrificacão que é excellente.

Raymundo Correa é poeta de primeira ordem e si deixar o lyrismo infantil que têm algumas de suas poesias e o fogo da sensualidade que brilha aqui e ali será um dos melhores continuadores da poesia lyrica brazi-

leira, cujo mais distincto representante é Antonio Gonçalves Dias.

Raymundo Corrêa tem boas producções em todo o genero: No elegiaco apresenta o *Epicedio*; no lyrico, *Olhos azues*; no pastoril o *Noivado no sertão* que se não é a primeira poesia dos *Primeiros sonhos* é sem duvida uma das melhores.

A ultima estrophe do *Noivado no sertão* está differente da que fôï publicada em 1878 apresentada na *Revista de Direito e Lettras* por Affonso Celso Junior.

O poeta talvez quizesse encobrir qualquer pensamento malicioso que porventura podesse apparecer, mas diminuiu a delicadeza d'essa malicia que era por certo uma pintura muito mimosa. Dizia elle:

« Depois... ella descalça os sapatinhos
De setim còr de rosa,
« Sorri-se com malicia e em fim se deita
Fingindo-se medrosa,

Diz nos *Primeiros sonhos* :

« Depois ella descalça os sapatinhos
Forrados de setim,
« Sorri-se com malicia, o véo arranca
E se reclina emfim.

Agora uma censura grave a Raymundo Corrêa sobre a nota final que tem seu livro.

Si suas composições poeticas são ridiculas melhor seria dar-lhes destino igual ao que deu a tantas outras, si porem considera-as *ridiculamente contrarias ao espirito da epocha* convem lembrar que o apparecimento de uma escola não traz como consequencia a queda de outra. Produzirá a marcha mais demorada, nunca porem a falta do cultivo, e para exemplo o positivismo não banio de França o espiritualismo e mesmo entre nós a escola republicana não fez a escola conservadora recuar. Pelo contrario, estabeleceu-se a lucta e d'ahi a força do combate, a energia dos combatentes.

Raymundo Correa é bom poeta lyrico porem si filiar-se como promette a escola realista parece-nos que não passará de méro versificador, mendigando idéas alheias e furtando figuras como muita gralha que por ahi anda adornando-se com pennas de pavão.

Esperamos um novo volume de poesias de R. Correa intitulado : *Marteladas Cyclopicas*.



O que pensamos de Valentim está mais ou menos expellido: é moço intelligente, podia ser bom estudante de Direito si se dedicasse com mais seriedade a tão laborioso estudo, mas não é poeta,

Têm os *Cantos e luctas* boas poesias e entre ellas *Mãe*, *O Deus mendigo*, *Poemas da roça* e algumas outras.

Uma das melhores produções é a que denomina-se *Os dois edificios*; é uma das suas poucas poesias socialistas na extensão da palavra e foi inspirada por um conhecido pensamento de Victor Hugo: *Abrir escolas é fechar prizões*.

A nossa opinião é franca, como promettemos, nella não se descubra offensa e estamos crentes que Valentim Magalhães, pensando despido de todo amor proprio, n'elle bem exagerado, mais tarde reconhecerá que fallamos-lhes verdade não procurando illudil-o com elogios sem fundamento.

Essa é a verdade ; o despeito de hoje será
a gratidão de amanhã.

* * *

Temos concluido este trabalho. Com elle
prestamos pequeno, porem consciencioso ser-
viço a Faculdade de Direito de S. Paulo e
promettemos para Março de 1881 mais deta-
lhada resenha de 1880.

Estaremos sempre firmes em nosso posto
de honra.

122

ERRATA

Apezar do muito cuidado que tivemos na revisão das provas escaparam alguns erros que podemos ainda emendar, deixando outros que o leitor poderá supprir. O erro emendado uma vez serve de correcção a outros em idênticas circumstancias.

<i>Pg.</i>		<i>Linhas</i>	
9	—	9	— <i>fallar</i> lêde <i>falar</i> .
23	—	4	— <i>a sua missão</i> lêde <i>sua missão</i> .
24	—	10	— <i>do desaparecimento</i> lêde <i>do desapparecimento</i> .
30	—	14	— <i>apareceu</i> lêde <i>appareceu</i> .
31	—	17	— <i>lembre</i> lêde <i>lembrem</i> .
33	—	13	— <i>auctor</i> lêde <i>autor</i> .
39	—	12	— <i>derramento</i> lêde <i>derramamento</i> .
40	—	8	— <i>unicamente</i> lêde <i>unica</i> .
49	—	7	— <i>se</i> lêde <i>si</i> .
52	—	18	— <i>à citar</i> lêde <i>a citar</i> .
58	—	16	— <i>Coimbreense</i> lêde <i>Conimbricense</i> .
70	—	1	— <i>e sem razão</i> lêde <i>e sim razão</i> .
77	—	5	— <i>accaso</i> lêde <i>acaso</i> .
88	—	18	— <i>impressa</i> lêde <i>impresso</i> .
91	—	21	— <i>filiando-se a</i> lêde <i>filiando-se á</i> .
107	—	9	— <i>biographou</i> lêde <i>biographou</i> .
112	—	10	— <i>tanto mais quando</i> lêde <i>tanto mais que</i> .

122

001123

